



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO CASTANHAL DE CASTANHAL
FACULDADE DE LETRAS

REMINISCÊNCIAS DE UM PASSADO:

MEMÓRIA DE UM ANCIÃO EM *LEITE DERRAMADO*, DE CHICO BUARQUE

Solange Cesar de Moraes

CASTANHAL

2019

Solange Cesar de Moraes

**REMINISCÊNCIAS DE UM PASSADO: MEMÓRIA DE UM ANCIÃO EM
LEITE DERRAMADO, DE CHICO BUARQUE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do grau de Licenciada em Letras (habilitação em Língua Portuguesa), Faculdade de Letras do Campus Universitário de Castanhal, Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Afonso Gonçalves Alves.

CASTANHAL

2019

Solange Cesar de Moraes

**REMINISCÊNCIAS DE UM PASSADO: MEMÓRIA DE UM ANCIÃO EM
LEITE DERRAMADO, DE CHICO BUARQUE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para
obtenção do grau de Licenciada em Letras
(habilitação em Língua Portuguesa), Faculdade de
Letras do Campus Universitário de Castanhal,
Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Afonso Gonçalves
Alves.

Data de Aprovação:

Conceito:

Banca Examinadora:

-----Orientador(a)

Universidade Federal do Pará

-----Membro

Instituição:-----

AGRADECIMENTO

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter me dado força e sabedoria para conseguir chegar à fase final do meu trabalho, que mediante a luta e adversidades não desisti e segui em frente.

Ao meu querido orientador, professor Dr^o Sérgio Afonso Gonçalves Alves, pela paciência na orientação e incentivo. Agradeço principalmente pela sua dedicação e comprometimento para comigo, sem o qual não teria conseguido.

Ao meu querido esposo Eder Júnior de Moraes, pela dedicação, apoio, companheirismo, e principalmente pela compreensão e ajuda nos momentos mais difíceis, e a minha filha Maria Eduarda, que foi meu maior incentivo para seguir em frente.

A minha família, em especial a minha mãe, Luzanira de Melo Cesar, que sempre me incentivou a estudar.

À família do meu esposo, em especial ao meu sogro, Antônio Pereira e minha sogra, Benedita Alves, pela grande ajuda que me deram ficando com minha filha, para que eu estudasse.

A todos os meus amigos de faculdade, em especial a minha querida amiga, Leila Costa e Joelson Gama, que muito me ajudaram no decorrer do curso, foram longos semestres sempre juntos, ajudando e apoiando um ao outro.

Agradeço imensamente os meus patrões, Edmar Melo e Estela Melo, que sempre me deram muita força, incentivo e sempre acreditaram no meu potencial, palavras são insuficientes para descrever o tamanho de minha gratidão.

Enfim, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para realização deste trabalho.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar de que forma a memória influencia na reconstrução do eu fragmentado do narrador em *leite derramado*, e de que maneira o mesmo lida com o tempo presente, estando preso ao seu passado de recordações. Com isso, o ato de esquecer lhe possibilitará uma nova versão de fatos ao passado vivido. A obra parte de uma narrativa fragmentada e desconexa presente na fala do narrador, sendo entregue pelo próprio título do livro "*leite derramado*". São as memórias de Eulálio que jorram sem parar, independente de possuir ouvinte, conta-as e reconta-as com o intuito de propagá-las e possivelmente eternizá-las. Partimos do pressuposto da relevância da memória para construção da narrativa que se dá na fronteira entre o tempo passado e presente, analisando a relação que se estabelece entre lembrar e esquecer, e a percepção de Eulálio frente a esse dilema. Para tanto, teremos como base de análise os conceitos de Ecléa Bosi, Walter Benjamim, Proust e Bérqson, além de outros estudos pertinentes.

Palavras-Chave: Memória, narrativa, busca ao passado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 MEMÓRIA E NARRATIVA	10
1.1 Memória Individual e Coletiva.....	17
1.2 A Memória como tentativa de recuperar o passado.....	23
2 NARRATIVA FRAGMENTADA	31
2.1 Fragmentação e a busca de identidade.....	36
2.2 A Memória Voluntária e Involuntária em Leite Derramado.....	40
3 A PERCEPÇÃO DE EULÁLIO: RECAPITULANDO “AS ORIGENS MAIS LONGINQUAS”	48
4 CONCLUSÃO	60
5 REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO:

Em nossa pesquisa propomos discutir a função da memória e da luta contra o esquecimento no romance *Leite derramado*, de Chico Buarque, sendo derramada na forma de lembranças de um velho centenário. Buscamos compreender qual o intuito do personagem narrador Eulálio só lembrar do passado, bem como seu gerenciamento passado/presente. Partimos da hipótese da necessidade que o ser humano sente de reconhecer-se no mundo. Para tal, sente a premência de projetar-se ao passado, buscando encontrar-se consigo mesmo.

Constitui interesse do presente trabalho verificar qual a importância da memória para a construção da identidade, assim como sua fragilidade em manter-se linear, apresentando-se de forma fragmentada e desconexa. As lembranças são tantas que Eulálio se perde nas suas memórias: “são tantas minhas lembranças, e lembranças de lembranças de lembranças, que já não sei em qual camada da memória eu estava agora.” (BUARQUE, 2009, p.138-139).

Para dar suporte ao trabalho, valemo-nos de teóricos renomados, tais como: Ecléa Bosi, em seu livro, *Memória e Sociedade* (1994), cujo conteúdo foi muito relevante, pois, elucida como a sociedade desenvolvida trata o idoso hoje, suas lutas e sofrimentos para acharem-se como seres humanos. Buscamos também, em Halbwachs (1990), as questões individuais e coletivas da absorção da memória. Já em Henri Bergson (1999), enfatizaremos as funções da memória, quanto à matéria e espírito, comparando com a teoria de Marcel Proust (2002) que denomina memória voluntária e involuntária. A ensaísta Jacy Alves de Seixas (2004) vem para simplificar e deixar mais compreensíveis essas questões da ação da memória, quanto a sua espontaneidade (involuntária) ou a própria busca (voluntária).

Partindo da ideia de que será analisado um romance memorialístico e levando em consideração que serão relatos advindos da memória de um ancião, o que esperar de uma obra que tem como título “*leite derramado?*”. E qual a relação entre o tema leite derramado com o passado do autor personagem, e de que forma isso influencia na sua narrativa?

Os acontecimentos pessoais e sociais afetaram a vida do protagonista, acarretando até mesmo na perda de sua própria identidade, e isso vai influenciar sua narratividade, tornando sua narrativa fragmentada e gasta. Observamos as relações de ruptura do passado que não volta mais com o presente vivido pelo narrador-personagem e como isso influencia na forma como suas lembranças são contadas e recontadas.

O trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro capítulo será feita uma análise sobre o conceito de memória e narrativa, e o quanto o seguimento memorialístico está crescendo com o decorrer dos anos, conforme afirma Marilene Weinhardt (2012). Entendemos que a narrativa é um mecanismo capaz de passar informação seja ela oral ou escrita. Verificamos sob a luz do pensamento de Walter Benjamin que os narradores recorrem a memória individual e coletiva para obter uma boa narrativa. Neste capítulo também abordaremos a memória que perpassa o individualismo, sob a luz do pensamento de Henri Bergson, bem como ao nos referirmos à memória coletiva mergulharemos na teoria do sociólogo Francês Maurice Halbwachs, que vem afirmar que toda e qualquer memória tem necessidade de se valer da memória do próximo. Finalmente, discutiremos acerca da necessidade do autor de exprimir suas reminiscências, para que seu passado não se perca, e através do relato ele parece vivê-las novamente, fazendo uma junção do passado e o presente.

No segundo capítulo trataremos da memória fragmentada, e o quanto ela influencia no romance para que se tenha um alto teor de inconfiabilidade no relato apresentado. Para isso valemo-nos de teóricos como Leila Perrone-Moisés (1992) que afirma ser a obra *Leite derramado*, indigna de confiabilidade, pois se trata de uma memória desfalecente, por não possuir uma ordem lógica e cronológica dos fatos, continua afirmando ser o romance repetitivo, obsessivo e esburacado. Ainda neste mesmo capítulo será observada a fragmentação e a constante busca do narrador pela identidade perdida, mediante ao caos que o cerca. A esse respeito, Stuart Hall (2005) vem afirmar que as identidades no mundo moderno estão em constantes mudanças. E para finalizar este capítulo trataremos sobre memória voluntária e involuntária muito bem definidas por Marcel Proust (2004), que afirma ser a memória involuntária a verdadeira memória, que traz a pureza na essência, pois é fruto do espírito e não da

vontade humana, ao contrário da memória voluntária intimamente instigada pelo seu dono.

O terceiro capítulo tratará da percepção do narrador frente ao seu passado e de seus antepassados, descrevendo a ascensão de sua família, assim como seu declínio. Para isso, nós utilizaremos de fragmentos da obra do filósofo e diplomata Francês Henri Bergson, que afirma que a percepção é inseparável da memória. Por fim, é apresentado o estado degradante em que se encontra Eulálio na reta final de sua vida, que pode ver o fechar do círculo dos Assumpção, ou seja, do prestígio social, riqueza e poder para a vergonha, pobreza e esquecimento.

De acordo com a crítica literária Leila Perrone-Moises diz, o livro é “obra de um escritor em plena posse de seu talento e de sua linguagem”. Diz ainda mais: “o texto é construído de maneira primorosa”. A análise também elucida temas como a mistura de sentimentos, tempos, espaço, faz do romance um ícone de incertezas quanto a veracidade dos fatos, prendendo e instigando a imaginação do público leitor, deixando lacunas que nunca poderão ser preenchidas. A exemplo disso temos o sumiço de Matilde: são tantas versões que nosso ancião nos apresenta que a verdade mesmo sobre seu paradeiro nunca saberemos.

1 - MEMÓRIA E NARRATIVA

A memória é o coração do funcionamento intelectual humano.

ELLIS E HUNT, 1995.

Este capítulo terá seu foco na narrativa de memórias de um ancião no seu leito de morte. Esse velho chama-se Eulálio Montenegro D´ Assumpção, que, por meio de sua narrativa, conta a história de sua família e da sociedade em que vive.

O romance *Leite Derramado* foi construído sob o olhar subjetivo de um centenário, que no plano da memória desenvolve sua narrativa. Inicia-se em *média - res*, momento em que se encontra o narrador, projetando-se para seu passado. O presente capítulo tratará da importância da memória de cunho individual, relacionada à natureza social do homem. Partiremos do pressuposto de que não existe memória puramente individual. Segundo o sociólogo Maurice Halbwachs (1990), os indivíduos estão sempre interagindo em sociedade. Tratará também da questão da rememoração como tentativa de recuperar o passado, entendida como possibilidade de visitá-lo através de suas reminiscências.

A temática do discurso memorialístico está cada vez mais presente nas obras contemporâneas. Traduzindo-se como reminiscências do passado, aflorando individualmente, ou instigada por um grupo social, funciona como forte instrumento, capaz de guardar episódios de nossas vidas e de pessoas que nos cercam. Sob essa perspectiva Elaine Silva (2013) vem defender que a memória é muito mais que um simples arquivo, pois, é capaz de organizar e compreender fatos do passado, atribuindo sentido de valor. Segundo Jacques Le Goff (1996, p. 423), memória é conceituada como “propriedade de conservar certas informações [...] graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas”. Segue defendendo a memória como “elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das

sociedades de hoje, na febre e na angústia”. Então através da memória os indivíduos acham-se no mundo, sua identidade está em todo o percurso que percorreram.

Já sob a forma de narrativa a memória nada mais é que um mecanismo de comunicação que permite ao indivíduo expressar-se, seja através da fala ou escrita. Walter Benjamin diz que as melhores narrativas escritas, são aquelas que mais são respeitadas quanto da sua reprodução oral.

A narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito (BENJAMIN, 1985, p. 220-221)

Memória e narrativa estão interligados, segundo Walter Benjamin (1985), todos os narradores recorrem às experiências passadas de pessoa a pessoa, cada uma com suas particularidades. Segue dizendo que “Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1985, p. 205). A narrativa, segundo Benjamin, “não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dela” (BENJAMIN, 1985, p.205). Elaine Silva (2013) nos informa que as narrativas que tem a memória como fundamento, empregam sempre o tempo psicológico, com o intuito de não desgastar a obra, podendo transitar livremente entre os tempos.

Com o progresso dos grandes centros urbanos, cresce também a impaciência, a correria, a busca por bens materiais e com isso parece que o tempo se encurta. As grandes tecnologias como smartphone, o fácil acesso à internet facilita a comunicação, mas ao mesmo tempo distância, e para trás são deixadas muitas coisas que antes eram importantes, como por exemplo ouvir as experiências, as histórias advindas das lembranças dos idosos. Segundo afirma Benjamin (1995, p. 205),

já se extinguiram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de conta-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve as histórias.

Ainda segundo o sociólogo é necessário “esquecer de si mesmo” para fixar e gravar o assunto ouvido. Benjamin (1995, p. 205), é incisivo nesse aspecto: “Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual.” Vivemos em uma sociedade que não se importa mais, em ouvir os relatos advindos dos idosos. Quantas experiências de vida deixados para trás, quanta solidão permeia a vida desses que muito têm para ensinar, com erros e acertos de décadas de existência. Como indivíduos que não contribuem ativamente para geração de lucro, agora são conhecidos por muitos como “aquele que gosta de contar histórias”. A solidão acima citada se refere ao menosprezo vindo da parcela geradora de lucro que “não tendo tempo” para ouvir os mais idosos, deixa-os ao esquecimento. “As pessoas não se dão o trabalho de escutar um velho, e é por isso que há tantos velhos embatucados por aí, o olhar perdido, numa espécie de país estrangeiro.” (BUARQUE, 2009, p.78).

Eulálio se enquadra bem na descrição do sociólogo Benjamin, no quesito de bom narrador:

(...) o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos (...). Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (...) Seu dom é poder contar a sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida” (BENJAMIN, 1986, p. 221).

Através da experiência de vida, dos erros do passado, o centenário conta suas reminiscências, em forma de lamento, de arrependimento, diz que se pudesse voltar ao passado faria tudo diferente, que não daria importância a pormenores, viveria com intensidade seu amor por Matilde. Eulálio não é nada humilde, sempre deixa claro que é superior aos demais, que seu nome é diferenciado: Eulálio de Assumpção com “P”, e para dar sustento a sua supremacia, narra seu passado de glória quando ainda seu nome “abria portas”; passa pela sua decadência, tanto na parte financeira, onde perde tudo o que tinha, quanto da profunda tristeza pela falta de sua esposa. Então, através de suas narrativas deixa para os ouvintes conselhos de toda uma vida.

A narrativa de Eulálio é muito voltada ao passado. Durante todo o romance ele “derrama” suas memórias, muitas vezes ele usa o artifício da rememoração como forma de fugir do ambiente que se encontra, espécie de “*fugere urbem*”, mas não ao pé da letra, pois não seria fugir da cidade, que é o significado da expressão em latim, mas fugir da época, do tempo presente e se voltar ao passado, quando ainda tinha Matilde. O presente para Eulálio é cheio de sofrimento e dor, condenado a um leito de hospital, diz estar sendo maltratado onde ninguém lhe dá ouvidos, conforme se comprova no trecho a seguir: “Aqui não gozo privilégios, grito de dor e não me dão meus opiáceos, dormimos todos em camas rangedoras. Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive berço” (BUARQUE, 2009, p.50).

O presente para Eulálio é tão sem significância, que sua memória não guarda fatos vividos recentemente, e quando os guarda é tudo confuso e fragmentado.

Ao fato que o futuro se estreita, as pessoas mais novas têm de se amontoar de qualquer jeito num canto da minha cabeça. Já para o passado tenho um salão cada vez mais espaçoso, onde cabem com folga meus pais, avós, primos distantes e colegas da faculdade que eu já tinha esquecido, com seus respectivos salões cheios de parentes e contraparentes e penetras com suas amantes(...). Veja só, neste momento olho para você, que toda noite está comigo tão amorosa, e fico até sem graça de perguntar seu nome de novo (BUARQUE, 2009, p. 14).

Nessa passagem fica evidente que Eulálio vive preso ao seu passado, importando somente o que lá viveu, não reconhecendo mais o espaço em que está inserido, como se não pertencesse a ele. Eulálio está mergulhado numa sociedade industrializada, e todo o espaço que conheceu e viveu foi tomado e “engolido” pelo “progresso”. De acordo com Ecléa Bosi (1994, p.19).

‘já não existe mais’. Essa frase dilacera as lembranças como um punhal(...) ficamos esperando que cada um dos lembradores não realize o projeto de buscar uma rua, uma casa, uma árvore, guardadas na memória, pois sabemos que não irão encontrá-las nessa cidade onde(...) os preceitos da funcionalidade demoliram paisagens de uma vida inteira.

Fica evidente na citação de Ecléa Bosi que, com o progresso, paisagens que antes fizeram parte de nossas infâncias, terão que dar lugar aos monumentos das grandes cidades, repercutindo no esquecimento tanto individual como no coletivo. A teórica afirma ainda, que o risco de esquecer do passado não está somente no desaparecimento dos “suportes materiais”, ou seja, de algum monumento que o faça lembrar do passado, mas da reconstrução, na qual se perde a essência da lembrança.

As memórias do passado de Eulálio jorram infinitamente, eram frequentemente advindas involuntariamente, desordenadas, ilógicas. Segundo o narrador são elas que ainda o mantêm vivo. A esse respeito Ecléa Bosi diz que na velhice a função social do idoso é lembrar, é o momento que sua memória se torna cada vez mais viva, memórias essas vindas naturalmente ou resgatadas, o importante é desfiá-la. Benjamim (1994) nos vem mostrar que no mundo contemporâneo está cada vez mais difícil de encontrar um ouvinte que aprecie uma narrativa oral, assim como encontrar pessoas que narrem devidamente.

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIM, 1994, p. 197-198)

A arte de narrar segundo Walter Benjamim “está em vias de extinção”, devido à falta de pessoas capacitadas na área. Isso acontece devido o desinteresse e à distância cada vez maior entre o narrador e seu ouvinte. Eulálio sabe bem o que é falar e não ter ninguém que o ouça, vive diante de um tempo, segundo ele, de desesperança, pois, não se ouve mais os idosos, por isso, tem tantos velhos “embatucados”. Em detrimento do seu presente infeliz, vivendo constantemente sob o efeito de morfina, o narrador personagem joga seu olhar para o passado, idealizando-o como sendo seu presente; chega até mesmo a confundir os tempos, passado-presente-futuro. Janaina Amado explica bem esse fenômeno:

A memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o

passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, (AMADO, 1995, p. 132)

Ainda seguindo o pensamento de Benjamin, que fala da importância da preservação da figura do narrador na questão da transmissão do conhecimento, o mesmo enfatiza que “o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida” (BENJAMIN, 1994, p. 221). A respeito da busca pelo conselho e da importância de se ouvir os mais velhos, Walter Benjamin enfatiza: “o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção.” (BENJAMIN, 1994, p. 200 - 2001). Logo, é através deles que os costumes são passados de geração a geração, afirmando que “a Experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (BENJAMIN, 1994, p.198). Entre outras afirmativas, Benjamin considera importante a figura do narrador para evitar que a sabedoria e a arte de narrar definham. No passado era comum se recorrer aos mais velhos, seja ele mãe, pai, avós, o importante era reconhecer que aquelas pessoas tinham experiências de anos de existências para se passar.

A perpetuação de suas memórias era o maior desejo do velho Eulálio, e para isso, ele sabia que só tinha um meio. A memória é falha, na qual corre um grande risco de se perder; e somente através da escrita ela poderia se consolidar. A medida que os ouvintes vão desaparecendo, e Eulálio muitas vezes chega a falar com as paredes, faz-se necessário a conservação de sua memória, e como Eulálio era impossibilitado de escrever devido os altos tremores, e a idade já muito avançada, necessita da ajuda de sua confidente, uma enfermeira que supostamente é do turno da noite que o ajuda com a escrita, conforme se pode observar no trecho a seguir. “antes de exhibir a alguém o que lhe dito, você me faça o favor de submeter o texto a um gramático, para que seus erros de ortografia não me sejam imputados” (BUARQUE, 2009, p. 18). Através de sua narrativa que sai do individual, para o coletivo, na medida que desfia suas memórias vai atualizando, modificando e até mesmo reinventando atos passados seus e das pessoas a sua volta. Conforme a perspectiva de Ciro Fonseca (2010, p. 88) “As mudanças são inevitáveis na

rememoração, exatamente porque, a atividade mnemônica é uma atividade social e se situa em uma situação real da existência do sujeito.

Em *Leite derramado* percebe-se duas questões dignas de menção: uma autobiografia ficcional, centrada nas memórias de um ancião, que desfia suas reminiscências, deixando no ar a veracidade da obra. Outra questão: Eulálio se prende tanto ao seu passado que, no momento que vai relatando, chega até mesmo a sentir dor, angústia e sofrimento. O simples ato de narrar lhe impõe estes sentimentos, principalmente se essa narrativa tiver como conteúdo sua amada esposa Matilde “quando perdi minha mulher, foi atroz. E qualquer coisa que eu recorde agora, vai doer, a memória é uma vasta ferida” (BUARQUE, 2009. p. 10). Esse sentimento se perpetua mesmo depois de se passar tantos anos. O passado deixou uma brecha, um vazio, principalmente pela falta de Matilde que nunca foi suprida. De acordo com Ecléa Bosi (1994, p.13): “Narrar é também sofrer quando aquele que registra a narrativa não opera a ruptura entre o sujeito e o objeto”.

As memórias em *Leite derramado* são narradas em um tempo não linear, por um personagem narrador envolto em incertezas. Mas se formos levar em consideração que são memórias de um ancião, centenário, fica explicado e entendível suas fragmentações. Sobre a maneira como Eulálio narra suas memórias, Perrone-Moisés (2009) explica. “A ordem lógica e cronológica habitual do gênero é embaralhada, por se tratar de uma memória desfalecente, repetitiva, mas contraditória, obsessiva, mas esburacada”. A narrativa repetitiva é típica de conversas de idosos. O próprio Eulálio assim o diz: “na velhice a gente dá para repetir casos antigos, porém jamais com a mesma precisão” (BUARQUE, 2009, p. 136).

Ao passearmos pelas páginas do romance, nos deparamos com uma narrativa de memórias, possibilitando ao narrador transitar livremente ao seu passado e presente e por vezes até projetar-se ao futuro. Em *Leite derramado*, a questão da memória pode ser percebida em dois aspectos que se implicam, mas podem ser mencionados separadamente: uma autobiografia ficcional, por meio da senil memória de Eulálio, cujo discurso não confere confiabilidade, ou no âmbito coletivo, cuja identidade deriva das relações sociais do indivíduo. Para favorecer o entendimento sobre memória, nos debruçaremos a seguir nos aspectos que concernem à memória individual e coletiva, pois nas palavras de Ciro Fonseca (2010), a memória não necessariamente pode ser

individual ou coletiva, podem interagir mutuamente, pois é construída através das relações sociais.

1.1 - Memória individual e coletiva

Pelas páginas de *Leite derramado*, é possível observar uma narrativa centrada no individualismo, a percepção de um narrador em relação às pessoas que o cercam, o subjetivismo, mas nada indica que seja uma narrativa extremamente individual. Sob esse aspecto, o sociólogo Frances Maurice Halbwachs (1990, p. 54) afirma que “um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros”, ou seja, segundo o teórico a memória é fruto da junção de conhecimentos e experiências que aprendemos em sociedade.

A partir deste posicionamento podemos afirmar, sob a luz da teoria de Maurice Halbwachs (1990), que a memória individual atrela-se à memória de um grupo. Assim sendo, Eulálio através de sua narrativa, se vale da memória da sociedade que o cerca e que o cercou um dia no passado, para desfiar suas memórias, muitas vezes entrelaçando passado e tempo presente, como se vê no fragmento a seguir.

(...) meu avô já nasceu muito rico, não iria macular seu nome por se locupletar com dinheiro público. Mas com o fim do Império, teve de buscar asilo em Londres, onde morreu amargurado. E vocês andem devagar com essa maca, tomem tento ao me passar para a cama (...).
(BUARQUE, 2009, p. 52-3)

É notório que o discurso de memórias está cada vez mais presente na literatura, mas esse recurso não é nada novo, é usado com o intuito de construir narrativas que transitam entre o presente e o passado. Segundo Marilene Weinhardt (2012, p. 247), “o uso do discurso de memória está cada vez mais recorrente em romances históricos de diferentes épocas”. Há décadas que este é um recurso bastante utilizado, é como se funcionasse como um fio que conduz o passado ao presente por intermédio da história contada.

É comum do ser humano pensar que nunca “vai ficar velho” e que situações como a da luta contra o esquecimento, narradas no romance *Leite derramado* nunca lhe acontecerão, mas esses são problemas comuns vividos por muitas pessoas. Em alguns asilos ou em casas em que tenham idosos pode-se ver Eulálios e Eulálias da vida, que narram suas histórias do passado, e quem as ouve chega muitas vezes a pensar não ser verdade e que por conta da idade, estão simulando. Com Eulálio acontecia a mesma coisa, a muito do que falava não lhe davam crédito: “mas a vocês nada disso interessa, e ainda aumentam o volume da televisão por cima da minha voz já trêmula” (BUARQUE, 2009, p.39). ele contava suas histórias às enfermeiras, a sua filha, para quem quisesse ouvir e outras vezes até para o teto: “é desagradável ser abandonado assim, falando com o teto” (BUARQUE, 2009, p.51), pois através de seus relatos ele acabava revivendo todo aquele passado, onde ele ainda tinha razão para viver, ainda tinha o amor de sua esposa Matilde.

A sociedade moderna e industrializada, acaba por desprezar o idoso, por este não oferecer mais atividade para geração de lucro. Mas não é todo idoso que é desprezado, vivemos em uma sociedade capitalista, onde os idosos mais favorecidos são bajulados de acordo com o poder aquisitivo que têm, os demais que dependem de um salário pago pelo governo para sobreviverem são reprimidos e sufocados pela opressão capitalista, privados de muitos benefícios oferecidos para uma maior prolongação da vida. Ecléa Bosi define bem essa problemática:

A sociedade rejeita o idoso, não oferece nenhuma sobrevivência a sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor(...)o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa. (BOSI, 1994, p. 77).

Eulálio sabe bem os dois lados do ter e não ter regalias oferecidas pelo poder aquisitivo, mergulhado num presente de sofrimento, humilhação e desprezo, desfia sua história de um leito de hospital no qual está internado depois de sofrer uma fratura, decorrente de uma queda. O centenário narra seu passado, e em um fragmento mostra fartura e festas luxuosas, tempo que seu pai ainda era vivo. Uma passagem retrata bem esse passado glorioso: “Nos tempos de meu pai, sim, os banquetes no casarão eram célebres por atravessar a noite, reuniam políticos de todas as correntes,

e as mulheres mais deslumbrantes da cidade” (BUARQUE, 2009, p. 85). A vida do protagonista quando ainda tinha o pai, era moldada a regalias, só após sua morte Eulálio vai começar a degradar, e o nome de sua família a perder o prestígio e importância.

A memória é um jogo que tanto pode ser real, onde se narra fatos que realmente aconteceram no passado, ou simplesmente ficcional. Lembrando que o simples ato de rememorar já é uma (re)construção do passado, e como tal não concede a verdade absoluta ao relato apresentado. Segundo Fonseca (2010, p. 88), “as mudanças são inevitáveis na rememoração, exatamente porque, a atividade mnemônica é uma atividade social e se situa em uma situação real da existência do sujeito”. Nesse sentido, o discurso de memória não é um simples relato de vivências, mas uma importante ferramenta que, através das experiências, atribui ao ser juízo de valor.

Nas palavras de Fábio Rios (2013, p. 6),

A memória é, portanto, um tipo de relação que se estabelece entre o presente e o passado. Simbolicamente, ela é capaz de congelar o tempo por um instante, fornecendo uma imagem bem acabada sobre determinado momento de nossas vidas permitindo que ela seja revivida de algum modo por nós.

Eulálio é um velho que vive em um tempo muito aquém do seu, estando preso ao passado por lembranças, lembranças essas desarticuladas e fragmentadas. O narrar é visto como uma luta diária contra o esquecimento e a morte, isso através de suas memórias, tomado pelo sentimento de arrependimento, saudade e melancolia. Sua narrativa é marcada pelo desaparecimento de sua mulher e a decadência de sua família.

Na dissertação de Elaine Cristina da Silva (2013, p.101), a mesma defende que “em muitos contextos a memória resulta de um esforço coletivo”. Segundo seu pensamento, no romance *Leite derramado* inicialmente esta constitui-se de maneira coletiva, pois muitas vezes Eulálio recorre a memória de seus genitores para lembrar-se de algo. Já com a morte dos antecessores do narrador, o ato de lembrar pertence exclusivamente a ele. Para Eulálio: “A memória é deveras um pandemônio, mas está

tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas” (BUARQUE, p.41), mas é como ele mesmo diz “o dono” pois ninguém deve querer mandar ou intrometer-se no ato de lembrar. A memória é um importante instrumento, capaz de empregar sentido de valor. O narrar é visto como uma encenação do passado, pois ao desfia-la, o narrador a mistura a realidade que o cerca, ou seja, a memória não é uma cópia fiel do passado. Sob esta perspectiva Joel Candau afirma: “A lembrança da experiência individual resulta, assim, de um processo de seleção mnemônica e simbólica de certos fatos reais ou imaginários” (CANDAU, 2012, P.99)

A memória para ser coletiva deve ter mais de um espectador, pois a lembrança depois de atizada deve ser recíproca, não na sua totalidade de detalhes, mais alguns vestígios devem ser guardados e compartilhados por grupos familiares, rodas de amigos, na escola ou até mesmo no trabalho.

Ou como a filha que pretende dispor minha memória na ordem dela, cronológica, alfabética, ou por assunto. Em tempos encontrei certo coronel num corredor sombrio do hospital do Exército. Ele afirmou que estivera comigo quando ainda era terceiro-sargento, mas seu rosto na penumbra não me dizia grande coisa. Nem decerto o meu a ele, que me reconheceu pelo nome. Mas aí minha lembrança não era recíproca, e nesses casos, para não magoar o próximo, a gente costuma dizer, ah, sim, claro, como vai, e fica por isso mesmo. Porque dá preguiça vasculhar a memória o tempo inteiro, mas ele acreditou que me empenhava em recordá-lo, e quis colaborar. E só me atrapalhou mais ainda ao dizer, em francês, que quarenta anos passam voando, não entendi se citava algum poeta. Ia me despedir quando ele mencionou as provas de artilharia na Marambaia, e não sei por que não o fez desde o início, num instante tudo se iluminou. Seria mesmo inútil revirar arquivos de nomes e rostos, porque minha memória tinha guardado o sargento na paisagem. (BUARQUE, 2009, p. 41 - 42)

Através dessa passagem nota-se que a memória coletiva sobrepõe a memória individual, pois mais de um indivíduo retém os fatos que aconteceram. Grandes são os fatores que interferem na reconstrução da história vivida, pois os indivíduos reconstroem seu passado a partir de seus próprios interesses, pois além de esquecerem parte da história, os indivíduos guardam somente o que foi importante para eles, ou seja, o que lhes convém lembrar.

Nesse sentido, nota-se que a memória coletiva retém fatos do passado de determinado grupo e sofre influência dos mais variados sentidos, mas o importante

é ter o mínimo de aceitabilidade e concordância no relato apresentado. Segundo Halbwachs (2006, p. 39):

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos faz recordar venha a ser constituída sobre uma base comum.

Sabendo da importância de perpetuar sua história, Eulálio acredita que somente a escrita irá eternizar suas memórias, e por isso conta e reconta, fala pausadamente, para que escrevam. Para o centenário o seu passado é o que o qualifica como gente e registrá-lo é necessário: “estou pensando alto para que você me escute. E falo devagar, como quem escreve, para que você me transcreva sem precisar ser taquígrafa, você está aí?” (BUARQUE, 2009, p. 7).

Debruçando-nos através das lembranças evocadas pelo personagem narrador, vamos constituindo ao longo do romance o processo da construção de sua identidade. Eulálio busca reencontrar-se no mundo, um reconhecimento como pessoa importante e influente que um dia foi, pois embora continue vivo, seu discurso, prestígio e sobrenome, o tão importante “Assumpção”, estão mortos socialmente; relatando suas memórias muitas vezes para as paredes, pois sequer dão-se o trabalho nem mesmo os mais próximos de ouvi-lo. Eulálio conta sua narrativa a procura de alguém para que ao mesmo tempo que ouça, também possa passar para o papel, pois só assim poderá tornar-se imortal para que seu passado não morra juntamente com ele.

Eulálio busca que suas memórias não se percam no passado. Para isso, faz com que a coletividade se perpetue, pois, o simples fato de alguém ouvir seu relato, ocasionará na aquisição da lembrança, posteriormente sendo lembrado. Mas a vontade mesmo do ancião é que suas memórias sejam escritas e assim eternizadas, não correndo o risco de se perder. Deste modo, Henri Atlan (1972) citado por Le Goff (1996, p. 425), fala da aproximação entre “linguagens e memórias” e da importância da escrita para armazenar as memórias, para que não possa ser esquecida: “A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória” (ATLAN *apud*

LE GOFF, 1996, p. 425). Ainda segundo esse teórico o fato de escrever as memórias, possibilita dar um salto: “poder sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas” (ATLAN *apud* LE GOFF, 1996, p. 425). Ou seja, a memória é falha, e para que a história não se perca, a escrita é a única forma de guardá-la e só assim eternizá-la, podendo até passar de geração a geração.

Segundo Jacques Le Goff, a memória é um elemento essencial para construção da identidade, seja ela de um indivíduo ou de uma comunidade, servindo de guia para as sociedades atuais, e de instrumentos de manipulação. Fala também do poder que a memória tem, principalmente nas sociedades onde predominavam o uso oral da língua, e os conhecimentos e os costumes eram transmitidos de geração a geração. Sobre a importância de perpetuar a memória Le Goff afirma “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (1996, p.477).

Ainda segundo Le Goff (1996), a memória pode ser facilmente manipulada de acordo com o interesse do sujeito, seja ele para benefício ou até mesmo para malefício, esse artifício é muito utilizado pelas classes dominantes, exercendo grande poder sobre a coletividade. O teórico afirma que:

Finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (...), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exerce sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornaram-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1996, p. 426)

Dessa forma, fica claro que não se pode confiar plenamente nos valores advindos de séculos, já que foram construídos através da memória coletiva, e que fatores externos influenciam na moldagem dos elementos discursivos.

Segundo Halbwachs a memória coletiva é sempre construída dentro de um grupo social de distintas instituições, ou seja, são indivíduos que lembram fatos vividos

em comum no passado, seja como ouvinte ou como ator. Segundo o sociólogo as lembranças devem sempre estar de comum acordo, pautadas no mínimo de concordância entre os membros, pois já que cada um terá um ponto de referência ao qual deu maior importância no dia do acontecido, deve-se primar pelos resquícios que os interliguem. Já da memória individual ele afirma:

diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 1990, p. 34)

Sob esta perspectiva entende-se que cada indivíduo carrega em si a lembrança, particular e individual, mas não se pode excluí-la da sociedade, sendo integrada, interagindo promovendo seu ponto de vista, do individual para o coletivo. Ainda segundo esse teórico a memória individual vem mostrar quão complexas são as relações sociais exercidas e vivenciadas pelo indivíduo. Nesse sentido, estão sempre entrelaçadas as relações entre memória individual e memória coletiva. Faz-se necessário o compartilhamento das memórias, para que então venham ser resgatados os traços que irão nortear a história vivida, ouvida, ou apenas vista.

1.2 - A Memória como tentativa de recuperar o passado

A memória em *Leite derramado* é o fio que conduz o leitor a uma “viagem ao passado” através das lembranças de Eulálio, que relata os fatos da sua vida familiar de modo não linear e por muitas vezes confusas. Segundo Paul Ricoeur (2007) o que está em jogo é a memória, já não como centro da história, mas como uma luta para retomar o passado por uma memória que a história instruiu e por várias vezes feriu. O narrador personagem do romance vive um presente de tristezas e decadência, direcionando seu olhar e suas esperanças para o passado como forma de o reviver. Para que sua história seja lembrada, acaba contando para quem quiser ouvir, numa tentativa de que as novas gerações conheçam o seu passado, e de que ele não se apague junto com sua frágil memória. Sobre essa função Ecléa Bosi: (1994, p.253)

diz “A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele”. E assim Eulálio trava uma luta diária contra o esquecimento, contando e recontando fatos do seu passado.

A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode ninguém de fora se intrometer, como a empregada que remove a papelada para espanar o escritório. Ou como a filha que pretende dispor da minha memória na ordem dela, cronológica, ou alfabética, o por assunto. (BUARQUE, 2009, p. 41)

As memórias de Eulálio sempre são correlacionadas a sua família: “(...) já para o passado tenho um salão cada vez mais espaçoso, onde cabem com folga meus pais, avós, primos distantes e colegas da faculdade que eu já tinha esquecido” (BUARQUE, 2009, p.14). É forte a vontade de Eulálio de falar de seu passado, principalmente de sua esposa Matilde: conta como a conheceu, fala do período em que foram casados, porém para seu sumiço dá várias versões, deixando o leitor confuso e sem saber ao certo o paradeiro de Matilde, o que realmente aconteceu com ela. Percebemos através de suas memórias a desgraça caindo na vida de Eulálio, o nome de sua família e o prestígio social definindo com o passar das gerações. Ele perde também o grande amor de sua vida, sua esposa Matilde, que desaparece no decorrer do romance.

O narrador do romance, é um ser já com idade bastante avançada, em um leito de um hospital, sem um mínimo de perspectiva de melhora, e com falhas na memória, fato bastante comum na sua idade. O que se nota através de sua narrativa, são situações que milhões de idosos passam todos os dias, são acometidos pelo descaso, abandono e muitas vezes são maltratados. Entretanto lhes resta um papel na sociedade, explicitado por Eclea Bosi, “como sujeito que lembra”, o “baú” das memórias da família.

[...] o que rege, em última instância, a atividade mnêmica é a função *social* exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra. Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente de seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. (BOSI, 2004, p 63)

As lembranças hoje, são para Eulálio o seu mais precioso tesouro, o que para sua família no passado era a política, o que trouxe a tão grande importância ao sobrenome dos Assumpção, abrindo portas por onde quer que passassem. Daí o questionamento sobre os impactos que um passado pode trazer ao presente vivido por lembranças. Tendo por personagem principal a figura de um ancião que se vê perdido diante da própria existência, preso às lembranças do passado, esses são eixos norteadores que se unem para a construção do romance.

Quanto ao passado que não volta mais, Eulálio no final de seus dias em um leito de hospital, sem nenhuma regalia, sente saudades e ao mesmo tempo um profundo arrependimento por ter feito sofrer a mulher que tanto amava, as lembranças vêm como feridas em seu peito: “uma vasta ferida” (BUARQUE, 2009, p. 10), como ele próprio denomina, pois seu presente é ter que conviver sem sua amada esposa. E como forma de amenizar essa dor ele conta e é senhor de sua narrativa, mudando e dando nova forma para fatos do passado. Usa desse artifício para purificar suas dores e ao mesmo tempo encontra refúgio nas suas memórias fragmentadas.

A narrativa se estrutura através de fatos não lineares, onde o narrador não tem domínio do tempo, fluindo no “vai e vem” do passado, presente e até mesmo o futuro, ou seja, relata fatos que ainda nem aconteceram. Eulálio encontra-se no centro de sua narrativa, funcionando como o eixo que atribui e tira qualidades aos personagens que estão a sua volta, isso porque a narrativa se constrói em primeira pessoa e através de seu olhar individualista relata suas reminiscências, a esse respeito Ligia Chiappini Leite afirma “ O narrador, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro físico, limitado quase que exclusivamente as suas percepções, pensamentos e sentimentos.” (LEITE, 2004, p.44). A personalidade mais nítida é a do próprio narrador, que mesmo de um leito de hospital, não deixa o ar de superioridade, sempre repetindo inúmeras vezes seu sobrenome “Assumpção”.

A narrativa de Eulálio é construída a partir de um passado, em que sua família tinha prestígio social, seguida da decadência tanto financeira quanto moral. Mostra o tempo em que viveu com sua amada esposa desde o momento que a conheceu assim como o seu desaparecimento. Eulálio convive com a incerteza e o sofrimento que a ausência de sua amada deixou. Traçando um paralelo com a música Epitáfio dos

Titãs, nota-se a nostalgia e o profundo arrependimento de que é tomada a vida do protagonista após seu desaparecimento.

Epitáfio

Titãs

Devia ter amado mais
Ter chorado mais
Ter visto o sol nascer
Devia ter arriscado mais
E até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer

Queria ter aceitado
As pessoas como elas são
Cada um sabe a alegria
E a dor que traz no coração

O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar

Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr
Devia ter me importado menos
Com problemas pequenos
Ter morrido de amor

Queria ter aceitado
A vida como ela é
A cada um cabe alegrias
E a tristeza que vier

O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar

O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar

Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr

Letra de Epitáfio © Warner/Chappell Music, Inc.

No romance, assim como na canção, o discurso da voz poética é carregado de arrependimento e nostalgia. “Epitáfio”, título da música dos Titãs, é uma inscrição sobre o túmulo. A história de Eulálio se adapta perfeitamente à música, pois ao analisarmos ao pé à letra da canção, notamos um discurso de arrependimento e desabafo por não ter vivido a vida em toda sua intensidade, aproveitado o que ela tem de melhor, não ligando para detalhes menores e nada relevantes. Outra característica que se enquadra na letra da canção remetendo ao livro, é o discurso de alguém que se encontra no fim da vida, pois agora não há mais tempo de recuperar o tempo perdido: “devia ter”, “queria ter”, são circunstâncias que a estrutura tanto física quanto psicológicas não lhe proporcionaria o recomeçar. Nota-se tanto o personagem Eulálio do romance, quanto o eu lírico da música vivendo de um profundo arrependimento.

Há uma estrofe da canção que relata o profundo arrependimento de Eulálio “devia ter complicado menos”, “devia ter me importado menos”, “ter morrido de amor”. São as mesmas situações que envolvem a trama do romance, o personagem vive em torno das lembranças de sua amada esposa, todos os caminhos levam a Matilde, suas lembranças sempre chegam a ela, sua obsessão. Eulálio era muito conservador e por isso vivia reprimindo a forma espontânea e natural com que Matilde levava a vida, implicava até com os vestidos que ela usava “até lhe sugeri um cinzento de gola alta, quando saímos para dançar, ela teimou com os vestidos de alças, cor de laranja” (BUARQUE, 2009, p. 64). Outra estrofe da música “queria ter aceitado as pessoas como elas são, cada um sabe a alegria e a dor eu traz no coração” retrata o sofrimento, o arrependimento e até uma promessa de uma possível aceitabilidade das diferenças. Em chico Buarque (2009, p. 61-62)

Quando eu sair daqui, vou levá-la comigo a toda parte, não terei vergonha de você. Não vou criticar seus vestidos, seus modos, seu linguajar, nem mesmo seus assobios. Com o tempo aprendi que o ciúme é um sentimento para proclamar de peito aberto(...) e dentro dele todo mal fermenta. O ciúme é então a espécie mais introvertida das invejas, e mordendo-se todo, põe nos outros a culpa da sua feiura.

Fazendo uma comparação entre o título da música “epitáfio” e do livro “*Leite derramado*” é possível fazer uma conexão de sentido; já que o leite que foi derramado não tem como recuperar, assim como epitáfio carrega sentido de morte, “inscrição sobre um túmulo”, lugar onde se encerra uma vida, não podendo mais reverter e trazer de volta. Outra aproximação seria que no romance *Leite derramado* são relatadas as memórias de um centenário, que sente cada vez mais a aproximação da morte, diz que o tempo está perto. “muita vez de fato já invoquei a morte, mas no momento mesmo que a deseje de perto, confio em que ela mantenha suspensa sua foice, enquanto eu não der por encerrado o relato da minha existência” (BUARQUE, 2009, p. 184)

Em mais um momento de digressões e alucinações promete a enfermeira (imaginado ser Matilde) que vai fazer tudo diferente, na tentativa de consertar o que tinha feito de errado no passado, promete aceitá-la sem julgá-la, principalmente quanto as suas vestimentas e seu jeito simples de ser. Isso só vem mostrar que o narrador personagem ainda tem esperança de que Matilde ainda irá voltar e que ele terá uma vida diferente da que teve com ela. Há outra passagem que mostra essa esperança de sua volta:

E Matilde não se incomodaria de voltar em terceira classe de sua aventura inconsequente, confiando no pronto perdão do marido. Já chegaria pondo ordem na casa, comandaria uma faxina, coibiria mexericos na cozinha e despacharia a ama –de- leite. (BUARQUE, 2009, p. 157)

Nessa passagem percebemos o quanto Matilde faz falta na vida de Eulálio, pois sem ela sua vida se encontra desestruturada, desajustada. Também notamos insultos e desconfiança quanto a sua fidelidade, pois diz que ela voltará de “uma aventura inconsequente”. Eulálio usa deste artifício para minimizar sua dor, pois perdera uma mulher infiel. Muitas outras versões serão apresentadas para seu sumiço. Eulálio se vitimiza em muitas vezes, mostrando a mulher como sendo ruim e má mãe, pois deixara a filha ainda lactante.

Outro dado muito importante na obra é o ciúme doentio que Eulálio sente por sua esposa, sente ciúme até da intensidade da cor de sua roupa, na obra representada pela cor laranja: “E quando vi sua mãe naquele estado, falei, você não vai. [...] Nem parei para pensar de onde vinha a minha raiva repentina, só senti que era alaranjada a raiva cega que tive da alegria dela” (BUARQUE, 2009, p. 12). O

personagem evita até mesmo levá-la a alguns eventos da sociedade carioca, o que leva a pressupor em alguns momentos através de questionamentos que o próprio narrador relata a ideia de que Matilde tenha ido embora pela forma com que era tratada e pelo ciúme excessivo do esposo.

Um dos traços da narrativa é a marca da idade que já está bastante avançada, o que faz com que o narrador se confunda em seu relato, ou seja ao mesmo tempo que narra, parece viver a história momentaneamente.

e o doutor, (...) se não se importar dê um pulo na minha casa. Peça à minha mãe que lhe indique a escrivaninha barroca de jacarandá, cuja gaveta é abarrotada de fotografias. Procure direito e me traga uma foto do tamanho de um cartão-postal (BUARQUE, 2009, p. 24).

Neste relato é nítida a confusão mental, temporal e espacial em que vive o narrador, pois nem casa tem mais, e sua mãe falecera anos atrás. E é através dessa confusão mental do contar e recontar que Eulálio vai nos dando mais detalhes dos personagens e das suas histórias. Nessa perspectiva, Candau (2012, p.127) afirma que: “A memória esquecida, por consequência, não é sempre um campo de ruínas, pois ela pode ser canteiro de obras. O esquecimento não é sempre uma fragilidade da memória, um fracasso da restituição do passado”.

Por se tratar de um romance memorialístico, e essas lembranças serem contadas por um ancião centenário, e comum imaginarmos que suas memórias não seguirão uma ordem cronológica de pensamento, funcionando como um quebra cabeça, que o leitor terá que montar no decorrer da leitura. Nas palavras de Elaine Silva “Colagem de um passado de fragmentos que subsistem na forma de restos destroçados, que não pertencem apenas ao narrador, mas também a estirpe dos Assumpção e assim como do país” (SILVA, 2013, p. 98) “

O título do livro pode remeter a vários sentidos, o que se pensa quando se lê um romance intitulado “Leite Derramado” logo vem à mente algo que não volta mais; que esvaziou; que se perdeu, e é justamente isso que o livro quer passar, o leite do título que se derrama, é o passado do personagem narrador que não volta mais. Também não podemos esquecer que leite remete a vida, e Matilde tinha leite em abundância assim como também tinha muita vitalidade: “O leite de Matilde era exuberante, agora mesmo ela encheu duas mamadeiras antes de dar peito à criança” (BUARQUE, 2009, p. 85). Matilde amamentava sua filha Maria Eulália com prazer e

sem pudor das outras mulheres da primeira metade do século XX. “Matilde era mulher de dar o peito no meio da praça(...), tudo era pretexto para ele contemplar os seios redondos de Matilde, que amamentava sem cerimônia no meio da sala” (BUARQUE, 2009, p.158). Ela tinha seios fartos e leite em abundância, metaforicamente relacionado à vida. No entanto, mesmo Matilde apresentando todas essas qualidades ela abandona sua filha ainda lactante: “para uma mãe largar sua criança, só mesmo se outra criança arrastasse pela cintura com a força de um amante” (BUARQUE, 2009, p.95).

O leite é a metáfora da vida e aqui nessa obra parece bem nítida essa afirmativa. Matilde era cheia de vida, alegre, sempre perdendo as grosserias do marido, ou seja, de bem com a vida, momento que o leite lhe surgira nos seios em grande quantidade. Mas com o desenrolar do romance vemos que algo de estranho acontece e a fonte de vida representada pelo leite é esvaziada por Matilde. Essa afirmativa fica bem clara quando Eulálio diz:

cheguei sem folego à porta entreaberta do banheiro, e o que vi foi Matilde debruçada na pia, como se vomitasse(...) corri para abraçar, envergonhado de meu mal juízo, mas ela apurou o vestido bruscamente e se esquivou de mim, deixando a torneira aberta. E vi respingos de leite nas bordas da pia, o ar cheirava a leite, vazava leite do vestido de sua mãe (BUARQUE, 2009, p. 135 - 136).

A partir do título do romance, *Leite derramado*, Elaine Silva, (2013) faz uma analogia. Segundo ela, o leite indica leveza, seria a época de fartura na vida de Eulálio. Momento também em que Matilde ainda estava com ele, o leite quando intacto, representa fartura e família, ou seja, vida que segue naturalmente: “o leite de Matilde era exuberante” (BUARQUE, 2009, p. 85). A partir do momento que esse leite é derramado na pia por Matilde, tudo começa a se desmoronar, é apenas o princípio das dores. Momentos depois Eulálio fica sem Matilde, ela por sua vez, por motivos não mostrados vai embora, morreu. Seu fim não é descrito e a pequena Maria Eulália, fica sem sua mãe, ainda lactante. Então é notório o quanto o leite é significativo na obra, fazendo a diferença na trama.

2 - NARRATIVA FRAGMENTADA

“São tantas as minhas lembranças, e lembranças de lembranças de lembranças, que já não sei em qual camada da memória eu estava agora.”

(Chico Buarque - Leite Derramado)

Neste capítulo trataremos da conduta fragmentada na qual está inserido o discurso do narrador, contribuindo para o aumento da falta de confiabilidade de sua narrativa.

A consciência do narrador quanto a sua narratividade é fragmentada pois de tanto contar e recontar suas lembranças, acaba se perdendo e reinventando fatos, a esse aspecto Janaína Amado (1995, p. 16) afirma:

A memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significado. Ao trazer o passado ao presente recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado.

Ao narrar sua história, Eulálio pede às enfermeiras que transcrevam suas memórias de acordo com os lapsos de suas lembranças que são fragmentadas e embaralhadas. “Antes de exhibir a alguém o que lhe dito, você me faça o favor de submeter o texto a um pragmático, para que seus erros de ortografia não me sejam imputados” (BUARQUE, 2009, p. 18). Portanto, Eulálio utiliza a arte de narrar como forma de recriar e reinventar seu passado, a exemplo temos o sumiço de sua esposa Matilde que ele dá várias versões. Diz que ela o traíra com outro homem, fala que morreria no parto de sua filha, depois que faleceu em um acidente de carro inclusive diz o lugar do acidente. “mas falecera pouco depois, em desastre de automóvel na antiga estrada Rio-Petrópolis”. e por final diz que fugiu por conta de uma tuberculose.

É notável que não se pode confiar nas memórias de Eulálio, com uma narrativa composta por delírios e confusões mentais, ou seja, confunde passado com o presente, e dá várias versões para uma mesma história. A esse respeito Eulálio diz:

“Na velhice a gente dá para repetir casos antigos, porém jamais com a mesma precisão, por que cada lembrança já é arremedo de lembrança anterior” (BUARQUE, 2009, p. 136). Dessa forma, o narrador-personagem Eulálio constrói sua narrativa, que oscila entre lembrar/esquecer, reinterpretando, e dando nova significância para determinados fatos.

Eulálio é um típico senhor contador de histórias, mas não são histórias quaisquer que ele conta, sua narrativa é voltada ao seu passado, e o intuito de contá-las é para que se perpetuem e não se apaguem com ele, quando se for. É notável o desinteresse por parte dos interlocutores de o ouvir, na verdade quase sempre não lhe dão crédito, isso por sempre estar com devaneios e delírios: “nunca lhe contei esse episódio? Então não o leve em conta, nem tudo o que eu digo se escreve, você sabe que sou dado a devaneios.” (BUARQUE, 2009, p. 136). O próprio Eulálio duvida de suas palavras, deixando o leitor a questionar se suas lembranças são confiáveis ou simples construção de sua imaginação, até a própria filha Maria Eulália é citada pelo ancião por não acreditar nele “Hoje tenho para mim que a própria Maria Eulália nunca pôs muita fé no que falava” (BUARQUE, 2009, p.121). Essas incertezas e falta de credibilidade foi atribuída a Eulálio por várias vezes apresentar um quadro de alucinação, dando-se a repetição e fragmentação constante de sua narrativa. A esse respeito afirma Alexandre Faria, em seu artigo “*Leite Derramado*, antípoda da literatura marginal”:

O narrador é incapaz de formular criticamente a compreensão da própria situação presente, já não tem perspectiva futura, e o passado, que sustentaria sua narrativa, vai sendo ironicamente corroído pela sua prepotência que oblitera a compreensão da realidade. (FARIA, 2013, p. 58)

A partir do que foi analisado, como meio para refletir sobre o envelhecer e os dilemas que o acompanham, Bergson (1989) vem dizer que o envelhecer é algo espontâneo que chega a todos de forma natural, incorporado ao envelhecimento tem-se o acúmulo de anos de vivência em forma de passado.

e se quiser, o desenrolar de um novelo, pois não há ser vivo que não se sinta chegar pouco a pouco ao fim da sua meada; e viver consiste em envelhecer. Mas é, da mesma maneira, um enrolar-se contínuo, como o de um fio numa bola, pois nosso passado nos segue, cresce

sem cessar a cada presente que incorpora em seu caminho; e consciência significa memória. (BERGSON, 1989, p.136)

Eulálio é um centenário que definitivamente não se enquadra na época e espaço em que vive, enquanto narra suas memórias não percebe o mundo que o rodeia. Para o presente o ancião não dá importância. Já para o passado, reserva todo o seu tempo para revivê-las através de suas reminiscências nada lineares sem sentido algum. A passagem brusca do passado para o presente em estado de delírio acaba por misturar os dois tempos em um tempo só.

“Às vezes também o chamavam para ficar por ali à disposição, porque a quietude da fazenda me aborrecia, naquele tempo a gente era veloz e o tempo se arrastava. Daí a eterna impaciência, e adoro ver seus olhos de rapariga rondando a enfermaria: eu, o relógio, a televisão, o celular, eu, a cama do tetraplégico, o soro, a sonda...” (BUARQUE, 2009, p. 19).

É através desses recortes e delírios que faz com que a narratividade de Eulálio fique cada vez mais embaralhada e confusa: “A ordem lógica e cronológica habitual do gênero é embaralhada, por se tratar de uma memória desfalecente, repetitiva, mas contraditória, obsessiva, mas esburacada” (PERRONE-MOISÉS, 2009). Esse ritmo repetitivo, com o paralelismo dos tempos cronológicos, faz a obra mais fragmentada e complexa, exigindo mais atenção do leitor para dar sentido à mesma.

Segundo Ecléa Bosi, o carácter da memória é livre e espontâneo, e o pensamento do teórico Halbwachs conceitua a espontaneidade da memória como algo excepcional. Este enfatiza dizendo que muitas vezes o fato de lembrar não é reviver e sim refazer uma cena com intromissões de materiais que estão a nossa disposição. Ou seja, não se constrói uma cena, sem a intervenção do que se vive hoje, provando que se vive um momento apenas uma vez, e o recordar já é o recorte, com vestígios do tempo presente. A esse respeito Ecléa Bosi (1994, p. 55) afirma que “A menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória”. A impossibilidade de se ter uma lembrança inata é algo irreal, pois vivemos em uma sociedade que está em constantes mudanças. Essas alterações acontecem tanto na paisagem, quanto no âmbito emocional, social e psicológico.

Um senhor centenário, em um leito de hospital, submetido todos os dias a doses altas de morfina, que em certos momentos chega até a falar com as paredes, é merecedor de desconfiança, pois seu relato está construído em cima de dúvidas. O próprio Eulálio chega a desconfiar de suas reminiscências, dizendo que as vezes se dá a devaneios. A respeito da desvalorização do relato advindo do idoso, frente ao indivíduo mergulhado na sociedade “da pressa” e do “sem tempo” Stuart Hall (2005, p. 7), afirma: “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno”. O sentimento de não pertencimento à sociedade atual gera o apreço cada vez mais forte pelo passado. O indivíduo moderno está a cada dia afastando-se dos preceitos antigos, contribuindo para um futuro declínio de seus costumes e para o apagamento de suas tradições e uma delas é o contar memórias do passado.

O personagem oscila entre passado e presente, misturando os tempos se fazendo confundir, e estando ciente desta confusão mental que cria, faz com que o tempo da narrativa se construa de modo fragmentado. A respeito da confusão mental de Eulálio: “por isso é natural que eu parta feito um louco atrás dela, mas isso só vai acontecer daqui a pouco. É esquisito ter lembranças de coisas que ainda não aconteceram, acabo de lembrar que Matilde vai sumir para sempre” (BUARQUE, 2009, p. 117). Os fios de lembrança embaralhados, funcionam como uma espécie de remontagem de cena, como se o tempo pudesse ser mudado. Essa luta constante do lembrar, relembrar, nada mais é que reviver, remontar e criar. Desse modo, em meio a fragmentos e oscilações, vemos que suas memórias se intensificam quando se trata de sua amada esposa Matilde. O narrador se refere às lembranças de Matilde como “vasta ferida” (BUARQUE, 2009, p.10), aquilo que dói, algo imensurável em suas próprias palavras “uma dorzinha chata a me espertar o tempo todo, e de repente uma lambada atroz. Quando perdi minha mulher, foi atroz, e qualquer coisa que eu recorde agora, vai doer,” (BUARQUE, 2009, p.10).

A obra apresenta mais fragmentos, falhas e esquecimentos quando o narrador vai apresentar os motivos que levaram ao sumiço de Matilde, apresentando para isso algumas versões, tais como: morte natural no parto, morte por tuberculose, de acidente de carro, outra que fugiu com o amante, dentre outras. Eulálio vai construindo mais e mais histórias fictícias que segundo ele foram o real motivo do sumiço de

Matilde. Essas versões só confundem ainda mais o leitor, que em alguns momentos dá para desconfiar do próprio narrador, pois, através de suas reminiscências cria e inventa histórias, nas quais algumas ferem até sua moral, ao dizer que Matilde tinha fugido com um amante, e que estaria grávida. Qual o real motivo de inventar tantas versões? Com que finalidade? São questionamentos que permeiam as mentes de quem lê o romance.

Matilde é a figura que mais sofre com os devaneios de Eulálio, e é justamente se referindo a ela que sua narratividade apresenta várias versões para um mesmo acontecimento. Como no dia que se conheceram, apresenta algumas versões também para o sumiço de Matilde, versões diferentes. Sua personalidade e feição é mostrada através dos olhos do ancião, que em alguns fragmentos deixa escapar costumes e manias de sua amada.

E mal entramos em casa foi para a cozinha, tinha mania de ir para cozinha. Volta e meia levava a criança à cozinha, dava conversa as empregadas, era vezeira em almoçar ali com a babá. Então me vi tomado de um sentimento obscuro, entre a vergonha e a raiva de gostar de uma mulher que vive na cozinha, que falava sozinha, que meio cantarolava (BUARQUE, 2009, p. 66)

Em alguns momentos a junção de sentimento é tão profunda, que não fica claro se o que Eulálio sente por Matilde é raiva, por ela não se enquadrar aos costumes da elite, ou um profundo desejo; uma verdadeira obsessão, por ela ser diferente.

E de repente não sei o que me deu, agarrei-a com violência pelas costas. Joguei-a contra a parede e ela não entendeu, começou a emitir sons nasais, o rosto achatado nos ladrilhos. Prendi seus punhos na parede, ela se debatia, mas eu a controlava com meus joelhos atrás dos seus. E com meu tronco eu a apertava, eu a esmagava na parede, até que Matilde disse, eu vou, Eulálio, e seu corpo tremeu inteiro, levando o meu a tremer junto. (BUARQUE, 2009, p. 67)

O real fim de Matilde é desconhecido, pois só a conhecemos sob os olhos de seu esposo Eulálio, suas virtudes e defeitos, são construídos pouco a pouco, é preciso juntar as peças, os fragmentos de suas reminiscências que são soltas, refeitas, e

repetidas inúmeras vezes. E através da junção das peças, fica claro o imenso amor que Matilde sente por sua filha e o quanto ela é boa mãe. Nada justifica as versões dadas por Eulálio, a não ser a mais aceitável de todas, que ela tenha fugido por estar contaminada com a bactéria da tuberculosa. E isso explica o seu afastamento em relação ao esposo e a filha, a derramada de leite na pia, e a carta nunca lida que o doutor Blaubaum mandou pra Eulálio “e vai parecer covardia eu jamais ter aberto aquela carta. Talvez eu devesse me inteirar do padecimento de minha mulher” (BUARQUE, 2009, p. 189). Ele garante com isso ter feito a vontade de sua amada “Mas ao deixar a carta intacta em seu envelope lacrado, creio ter feito a vontade de Matilde, que quis sair da minha vida como desaparecem os gatos, com pudor de morrer a vista do seu dono” (BUARQUE, 2009, p.190) Essa versão não é confirmada no romance, mais é a mais convincente, pois somente uma doença infecciosa afastaria uma mãe e esposa tão empenhada e amorosa de sua família, isso para salvá-los. Seguindo essa lógica, Matilde sacrificou-se ao afastar-se do seio de sua família para não transmitir para seu esposo e filha a sua doença.

Outra passagem que mostra a tuberculose como sendo a possível causa do sumiço de Matilde é no momento em que Eulálio recebe a última carta possivelmente relatando a morte de sua amada: “nunca mais tive uma linha do doutor Blaubaum” (BUARQUE, 2009, p. 190), o que nos leva a crer que tudo que o doutor queria falar, estava escrito naquela carta, ou seja, o sentido de escrever as cartas já não existia mais, estava tudo consumado, ali haveria o relato final de sua morte. Mas essa é apenas uma suposição não confirmada, apenas tecida através de fragmentos de memórias, especificadas nas últimas páginas do romance, o que nos leva a pensar a última versão como sendo a verdadeira.

2.1 – Fragmentação e a busca de identidade

Se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o carácter passado daquilo de que declaramos nos lembrar.

Paul Ricoeur.

O mundo vive em constantes modificações, cujo alvo maior é o progresso. Dentro dessa perspectiva, existem indivíduos sentindo-se cada vez mais confusos em meio a esse caos social que se instaura à medida que o progresso chega. Com o advento das grandes tecnologias, os indivíduos vão se distanciando cada vez mais contribuindo para a perda de identidade, pois ao invés de passar horas com os familiares conversando e passando conhecimentos, os quais só através dos diálogos são transmitidos, acabam por prender-se a smartphone, redes sociais, mundo totalmente virtual. Está havendo um colapso de identidades, provocado pelo distanciamento e a falta de diálogo. Os indivíduos não se reconhecem mais, seu passado e sua cultura estão cada vez mais fracos. A esse respeito Stuart Hall afirma:

(...) as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentada e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discurso, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicidade radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL,2000, p. 108).

O velho, segundo Ecléa Bosi, é discriminado de todas as formas, pela sociedade capitalista e “modernizada”. O idoso não tem espaço nesse emaranhado de crescimento vertical, cabendo-lhes apenas ser passivo, e aceitar todas as ordens que lhes são impostas. Muitas vezes são arrancados de seus lares e remanejados para lares de idosos, tendo que conviver com pessoas nunca antes vistas. Outras vezes são hospitalizados, como é o caso de Eulálio, restando-lhe apenas o falar, para sentir-se vivo. Bosi fala também da diferença que a sociedade impõe entre a criança e o idoso: “nos cuidados com a criança o adulto ‘investe’ para o futuro, mas em relação ao velho age com duplicidade e má-fé”. (BOSI, 1994, p.78). Com todos esses malefícios fica difícil sentir-se necessária a sobrevivência, acarretando em idosos cada vez mais perdidos, em identidade, espaço e mentalmente.

Em *Leite derramado* presenciamos um narrador personagem idoso, frágil, desestabilizado mentalmente; financeiramente, dentre outros aspectos. Sua identidade hoje não concede o mesmo valor do passado, nem muito menos abre as mesmas portas. O progresso para Eulálio não lhe surgirá com efeitos positivos, muito pelo contrário; ele encontra-se em um hospital, que na sua demência pensa ser pago

pelo neto. Mas que pelo seu relato, mais parece um hospital público, onde não goza de privilégio nenhum. E por inúmeras vezes recorre ao seu nome, falando em alto e bom som que seu sobrenome é Assumpção, com “P”: “E não se esqueça que meu sobrenome de família é Assumpção, e não Assunção, como em geral se escreve, como é capaz de constar até aí no prontuário” (BUARQUE, 2009, p. 18)

O narrar para Eulálio significa mais que simplesmente “jogar conversa fora”, para ele desfiar suas memórias é vital para sua sobrevivência, é buscar achar sua própria identidade, perdida em meio ao descaso em que vive. Por isso, sente necessidade de contar os momentos de glória que viveu no passado, repete inúmeras vezes seu sobrenome, que no presente não acarreta nenhuma significância, mas no passado “abria portas”. Assumpção é o sobrenome que Eulálio luta em preservar, usa-o como ferramenta de repressão como se fosse superior aos demais: “escute aqui, senhor, meu nome é Eulálio d’Assumpção” (BUARQUE, 2009, p. 57). Sobre a necessidade que Eulálio tem em narrar suas memórias, e sua finalidade, Elaine Silva em sua dissertação *lembrar para esquecer, esquecer para lembrar*, defende: “o ato de narrar as vivências passadas é como uma via de acesso do sujeito a um encontro consigo mesmo, de modo fazê-lo compreender seu espaço enquanto ser histórico social, cuja identidade, nesse contexto, é alimentada pela memória” (SILVA, 2013, p.28).

A narrativa de Eulálio é quase sempre relacionada ao passado distante, nos tempos em que ainda tinha Matilde, seu pai, sua mãe, lembra da adolescência. Fala do que presenciou e fala também de seus antepassados, memórias adquiridas através da oralidade, do ouvir os outros falarem: “Ninguém vai querer saber se porventura meu trisavô desembarcou no Brasil com a corte portuguesa. De nada adianta me gabar de ele ter sido confidente de Dona Maria Louca” (BUARQUE, 2009, p.50).

Através de fragmentos, o velho Eulálio vai soltando suas dores e melancolia, mas ao mesmo tempo, não se restringe em rememorar, pois é lá que está o sentido de seu viver. Como toda história tem seu lado ruim e seu lado bom, quanto ao lado bom, ele volta-se para sua infância, rememora momentos da fazenda, quando ainda brincava com seu amigo Balbino: “Balbino Assunção Neto, um preto meio roliço, foi meu amigo de infância. Esse me ensinou a soltar pipa, a fazer arapuca de caçar passarinho” (BUARQUE, 2009, p. 18). Volta-se também para o momento que era casado com Matilde, o desejo incontestável que mantinha por ela, assim como o ciúme

excessivo. Seu apreço ao passado, dá-se em detrimento da dura realidade em que se encontra no presente, com o avanço da idade, não lhe resta melhores perspectivas.

Mas esse típico senhor não se deixa ser vencido, e para o futuro chega até mesmo a planejar casar-se com a enfermeira do hospital, inclusive o livro inicia-se com essa promessa, mostrando a imensa vontade de viver desse centenário: “quando eu sair daqui, vamos nos casar na fazenda da minha feliz infância, lá na raiz da serra. Você vai usar o vestido e o véu da minha mãe, e não falo assim por estar sentimental, não é por causa da morfina”. (BUARQUE, 2009, p. 5).

Uma das características de Eulálio é o alto ar de superioridade, que propagava, quer onde estivesse e mesmo quando não dispunha de nenhuma riqueza, fazia promessas as quais não poderia cumprir, por ingenuidade, esquecimento, ou demência mesmo: “você vai dispor dos rendados, dos cristais, da baixela, das joias e do nome da minha família. Vai dar ordem aos criados, vai montar no cavalo da minha antiga mulher” (BUARQUE, 2009, p. 5). Através deste fragmento, fica claro que Eulálio mesmo de um leito de hospital, sob uma ruína irreversível, delira misturando a realidade, ou seja, o tempo que vivia, com o seu passado onde dispunha desses bens materiais e dessas regalias.

Com o passar das décadas o pobre narrador se depara com outro contexto social, no qual chega a dizer “hoje sou da escória igual vocês, e antes que me internassem, morava com minha filha de favor numa casa de um só cômodo nos cafundós. Mal posso pagar meus cigarros” (BUARQUE, 2009, p.50). A vida de Eulálio começa a decair após a morte de seu pai, antes disso tinha uma linhagem de nobres, respeitados e ricos. Eulálio ainda vive esses momentos de prosperidade da família Assumpção, na juventude. Já na velhice o cenário é outro e para as futuras gerações o que resta é vergonha e pobreza, a exemplo tem seu tataraneto que é traficante de drogas. Há uma passagem no romance onde o próprio Eulálio a firma sua decadência social: “os coveiros estavam de má vontade, e quando o caixão bateu com peso no fundo da tumba, o baque abafado me soou como o fim da linha dos Assumpção. Para mim já estava bom, bastava”. (BUARQUE, 2009, p.153)

O velho Eulálio vive uma constante busca de sua identidade. Sobre essa tese, tem-se a constante ênfase em repetir, e querer impor aos demais através de suas lembranças, o passado de sua família, reafirmava que fazia parte de família de

nobres, que tinha berço. Por isso, através de sua narrativa cheia de falhas, repetitiva e fragmentada, relata a quem quiser ouvir suas reminiscências. A busca de aceitabilidade e encontrar-se consigo mesmo, faz de seu relato o que Michael Pollak conceitua: “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros”(POLLAK, 1992, p. 204).

Em uma sociedade que tem o foco na geração de lucro, chega um momento em que o idoso deixa de ser ativo e tem que ceder lugar aos mais jovens, para gerar lucro. Ecléa nos relata que esses idosos se sentem cada vez mais impotentes, seja fisicamente ou mentalmente, sendo até mesmo inibidos em transmitir suas experiências: “ele não pode mais ensinar aquilo que sabe e que custou toda uma vida pra aprender” (BOSI, 1994, p.79). O narrar para os idosos é muito importante, sentindo-se ativos, principalmente no momento de aconselhar, quando não lhes dão ouvidos, ato característico dessa nova sociedade, sentem-se cada vez mais perdidos diante do mundo. De acordo com Elaine Silva (2013) o intuito maior de Eulálio é a preservação e perpetuação da estirpe “Assumpção”. Para isso, o narrador evoca principalmente os momentos de glória e poder que os Assumpção possuíam no passado.

O próprio Eulálio busca encontrar-se nesse plano que as circunstâncias lhe impuseram, de pobreza e descaso, por isso a insistência em repetir seu sobrenome e contar suas histórias, e faz questão de que se as escreva, para não ser extinta com a narrativa oral: “[...] sinto que em breve as feições de um Assumpção serão como as de uma espécie em extinção” (BUARQUE, 2009, p.194).

2. 2 - A memória voluntária e involuntária em leite derramado

Segundo Aداuto Locatelli Taufer, em seu artigo “Em busca do tempo passado: considerações sobre a memória”, Marcel Proust (2002) afirma que a memória comum (voluntária) é restituída através de pequenos esforços, dependendo da vontade do lembrar algo que se passou, diz ainda que funciona como um “simples arquivo”, fornecendo os dados desejados. Já para a memória involuntária, afirma que surge

através de sensações advindas naturalmente, informações esquecidas na mente do indivíduo, aflorando através dos sentidos, é algo adormecido, vindo à tona sem o mínimo de esforço. A respeito da importância da memória involuntária Proust afirma:

atestam a importância do processo da memória involuntária para a recuperação do Tempo Perdido. Tempo que não existe mais em nós, mas continua a viver oculto num sabor, numa flor, numa árvore, num calçamento irregular ou nas torres de uma igreja. (PROUST, 2002, P. 5)

Um ponto relevante na obra de Marcel Proust, é a afirmativa bem definida das memórias, uma que buscamos através da recordação(voluntária) e outra que vem naturalmente, (involuntária) atizadas por sentidos advindos de um cheiro, de algo que comemos, que pegamos. Ou seja, segundo o teórico o sujeito tem o poder de trazer à tona atos acontecidos no passado, dando ressignificado a ele, pois a medida que o tempo passa, o meio é modificado, a mentalidade também, e ao lembrar de algo, buscando no passado, este por sua vez se misturará ao presente ganhando nova significação.

Para deixar mais claro, usarei uma passagem onde Proust, em seu livro no *caminho de swann*, no final do primeiro capítulo do primeiro livro, cita uma passagem que remete a verdadeira memória involuntária.

Quando num dia de inverno, chegando eu em casa, minha mãe, vendo-me com frio, propôs que tomasse, contra meus hábitos, um pouco de chá(...). Ela mandou buscar um desses biscoitos curtos e rechonchudos chamados madeleines (...). Levei à boca uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço da madeleine. Mas no mesmo instante que esse gole, misturado com os farelos do biscoito, tocou em meu paladar, estremeci atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadiram-me um prazer delicioso, isolado, sem a noção de sua causa. (...) Já não me sentia medíocre, contingente, mortal. De onde poderia ter vindo essa alegria poderosa? Sentia que estava ligada ao gosto de chá e do biscoito, mas ultrapassava-o infinitivamente, não deveria ser da mesma espécie. De onde vinha? Que significaria? Onde apreendê-la? Bebi um segundo gole no qual não achei nada além do que no primeiro, um terceiro que me trouxe um tanto menos que o segundo. É tempo de parar, o dom da bebida parece diminuir. É claro que a verdade que busco não está nela, mas em mim(...) E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era do pedaço de *madeleine* que minha Léonie me dava aos domingos pela manhã em Combray (...) E logo que reconheci o gosto do pedaço de *madeleine*(...)logo a velha casa cinzenta que dava para rua(...), casas, pessoas consistentes e reconhecíveis, assim agora todas as flores do nosso jardim e as do parque do Sr. Swann, e as

ninfeias do Vivonne, e a boa gente da aldeia e suas pequenas residências, e a igreja, e toda Combray e suas redondezas, tudo isso que toma forma e solidez, saiu, cidade e jardins, de minha xícara de chá. (PROUST, 2004, P. 51-53).

Segundo o narrador, o fato de provar um chá e comer um bolinho “madeleine”, despertou no seu mais íntimo uma lembrança, a mais pura possível, vindo naturalmente através do paladar do narrador. É como se algo estivesse adormecido no seu espírito e com o provar o alimento, provocou o ressurgimento de uma cena pretérita. Proust denomina esse fenômeno de memória involuntária, segundo ele a mais verdadeira das memórias. As palavras de Souza Aguiar são perfeitas para denominar essa pureza que só através da memória involuntária se é capaz de sentir.

O prazer provocado por tais sensações não depende diretamente dela, mas se deve ao fato de que, pertencendo simultaneamente ao presente e ao passado, provocam uma momentânea libertação do tempo e da contingência pela projeção do sujeito que as experimentam num plano intemporal e situado fora do espaço limitador (1984, p. 25)

Na memória involuntária, o narrador é destituído de domínio sobre a lembrança, o que acarreta sua afloração. Com relação a essa afirmativa Weinrich (2001, p.208) assegura que a memória involuntária “não tenta mais invocar as lembranças através de um esforço da vontade, e também desiste de assegurá-las contra o esquecimento”. Assim sendo, Elaine Silva (2013) diz que a memória involuntária não tem o esquecimento como ameaça, e que recupera o passado vivido sem interferências internas. Silva (2013, p.39 apud YOKOZAWA,2002, p.70) denomina.

O aflorar da memória involuntária desencadeia no narrador um estado de graça não apenas porque faz nele renascer um verdadeiro momento passado, o ser que ele foi outrora, mas, sobretudo porque faz nascer alguma coisa, um ser que, comum ao passado e ao presente, ultrapassa a ambos e se situa fora do tempo. O ser que recorda é, pois, um ser indiferente às vicissitudes da vida, aos seus desastres, à sua brevidade porque, ao se situar fora do tempo, ele deixa de se sentir contingente e mortal e é capaz de gozar a essência das coisas, nascidas de uma analogia entre o passado e o presente. Na recordação, no aflorar da memória involuntária, o narrador

encontra a experiência “verdadeira”, a essência da vida, a felicidade plena que ele buscou em vão no mundanismo, na amizade e no amor.

A respeito da memória voluntária, não poderia deixar de citar Jacy Alves de Seixas, citada por Sérgio Alves(2006) em sua tese intitulada “*Fios da Memória, jogo textual e ficcional de Haroldo Maranhão*” que nos relata na visão de Proust, a respeito da memória voluntária “ que é sobretudo uma memória de inteligência e dos olhos, nos dá do passado apenas faces sem verdades” (SEIXAS *apud* ALVES, 2006, p. 42). Conceitua ainda memória voluntária na visão de Proust, como sendo uma memória de imagens, não verdadeira, sendo buscada no passado, um ato voluntário e degradante. Não atinge o pleno estatuto da memória, ela configura uma literatura menor, essencial à vida, porém corriqueira e superficial, pois atada ao hábito e à ‘vida pratica’ à repetição passiva e mecânica”.

Jacy Alves de Seixas afirma que para Marcel Proust, a memória involuntária (expressão desenvolvida por ele) trabalhada posteriormente pelos grandes estudiosos da “memória”, tendo muitas vezes alterada o nome, mas no total, com o mesmo significado, é conceituada como sendo a mais “elevada” e verdadeira das memórias. Está sempre num patamar superior pois representa verdadeiramente as memórias. Segue conceituando: “espontânea, ela é feita de imagens, que aparecem e desaparecem independentemente de nossa vontade” (SEIXAS *apud* ALVES, 2006, p. 42).

Já segundo Bergson essa memória que surge naturalmente através dos cinco sentidos, não é denominada de “memoria involuntária”, mas de “memória espontânea” responsável pelas “imagens, lembrança”. Segundo Henri Bergson citado por Paul Ricoeur “à lembrança espontânea é, de imediato perfeita; o tempo não poderá acrescentar coisa alguma à sua imagem sem deturpá-la; ela conservará para a memória, seu lugar e sua data” (BERGSON *apud* RICOEUR, 2007, p. 44). Sendo assim, constata-se que o teórico citado acima acreditava na pureza das memórias espontâneas, que ressurgiam sem o mínimo de intromissão do tempo e do espaço, estão sempre carregado de sentimentalidade, seja elas negativas ou positivas. Sob esse aspecto Bergson afirma:

[...] registraria, sob forma de imagens-lembranças, todos os acontecimentos de nossas vidas cotidianas à medida que se desenrolam; ela não negligenciaria nenhum detalhe; atribuiria a cada fato, a cada gesto seu lugar e sua data. Sem segunda intenção de utilidade ou de aplicação prática, armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural. (BERGSON, 2006, p. 88)

Por sua vez, notamos a presença dessa “lembrança pura”, em um fragmento do romance *Leite Derramando*, no momento em que Eulálio, o narrador personagem na sua velhice, ao visitar a fazenda em que morou na infância, sente algo familiar no ambiente, reconhecendo como sendo a fazenda da serra, em que morou na sua infância. E ao avistar uma mangueira, foi tomado pelo que Ecléa denomina de “imagens lembranças”. Mesmo com todas as transformações que o ambiente tenha sofrido, algo o faz lembrar, levando o ancião a ter a sensação de voltar ao passado.

O valão era um rio quase estagnado de tão lamacento, quando se deslocava dava a impressão de arrastar consigo as margens imundas. Era um rio podre, contudo eu ainda via alguma graça ali onde ele fazia a curva, no modo peculiar daquela curva, penso que a curva é o gesto de um rio. E assim o reconheci, como às vezes se reconhece um homem velho o trejeito infantil, mais lento apenas. Aquele era o ribeirão da minha fazenda na raiz da serra. E à beira-rio uma mangueira me pareceu tão familiar, que por pouco eu não ouvia o preto Balbino lá no alto: ó Lalá, vai querer manga, o Lalá? (BUARQUE, 2009, p. 177-178).

Ecléa Bosi, também vem defender “a lembrança pura” como a memória de carácter natural, capaz de trazer sensação única.

A lembrança pura, quando se atualiza na *imagem lembrança*, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetitivo, irreversível da vida. Daí, também o carácter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória. (BOSI, 1994, p.49).

Contrariando a essas reminiscências advindas da naturalidade do espírito do indivíduo, temos o que Ecléa Bosi denomina de “memória hábito” ou mais conhecida como memória voluntária, definida por Beckett como “a memória que não é memória, mais uma simples consulta ao índice remissivo do velho testamento do indivíduo”

(BECKETT, 2003, p. 31). Por sua vez, o romance *Leite derramado* é carregado de memória voluntária, pois, Eulálio busca pelas memórias, evocação constante pelas reminiscências, elas poucas vezes surgem naturalmente, sem serem chamadas, ou atçadas. Eulálio sente necessidade em narrar suas histórias vividas no passado, é tido como um narrador tradicional, usando da oralidade para perpetuar sua narrativa. Suas memórias são fundadas na visão particular e individual do narrador personagem, manipulando-as de acordo com sua vontade.

É notório que as reminiscências podem vir, naturalmente, provocadas por inúmeras sensações, (memória involuntária) ou atçadas, pelo poder da mente, (memória voluntária) e como Eulálio diz “a memória é deveras um pandemônio, está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas” (BUARQUE, 2009, p. 41). Nessa passagem fica evidente a busca incessante pelo passado, o recordar é deveras essa mistura confusa dos sentidos das coisas, mas aos poucos, depois de juntar as peças, Eulálio consegue dar sentido e andamento as reminiscências, ainda que confusas e embaralhadas. A esse respeito Bergson afirma.

Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação do presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez apenas o homem seja capaz de um esforço desse tipo. Também o passado que remontamos deste modo é escorregadio, sempre a ponto de nos escapar, como se essa memória regressiva fosse contrariada pela outra memória, mais natural, cujo movimento para adiante nos leva a agir e a viver. (BERGSON, 1999, p. 92)

Vários são os fatores que levam Eulálio a essa busca incessante pelo passado, esse ancião se encontra preso a um presente, totalmente desencantado ao mundo em que vive, não integrando-se a sua nova realidade, espaço esse ativado pelas grandes tecnologias e pelo progresso. Eulálio se torna cada vez mais resistente a toda essa modernidade. Uma vez que a

Invocação do pretérito está intimamente ligada à angústia ancestral da humanidade frente à irreversibilidade do que passou, à transitoriedade do tempo, frente, em última instância, à fugacidade da vida, à morte. Mas, no caso da arte moderna, a recorrência à memória como impulso primeiro de criação está ligado também à fratura, que se opera entre o artista moderno e a época moderna. Não conseguindo se integrar na sociedade burguesa[...]sofrendo as consequências dessas e de outras fraturas tais que, o artista busca frequentemente, em sua criação,

recuperar um tempo que ainda não houvesse se manifestado essa cisão entre o eu e o mundo. (YOKOZAWA, 1998, p. 63-64)

Se levarmos em conta que a maioria das nossas memórias nos advém por intermédio de provocações advindas de familiares, amigos ou seja pessoas próximas, (essas afirmativas são advindas do livro *Memória e sociedade*, de Ecléa Bosi), fica claro que como a maioria são instigadas, temos a memória voluntária como sendo a memória mais comum, e imposta a nós. Ecléa nos afirma ainda, “se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar” (BOSI, 1994, p. 54). Ou seja, a memória coletiva defendida por Halbwachs, que segundo ele está sempre relacionada ao meio que vive, e suas relações sociais, são predominantes e como tal ele defende “um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo as lembranças dos outros” (HALBWACHS, 1990, p. 54)

Outro exemplo significativo da memória voluntária (constantemente acionada por Eulálio) no romance é quando Eulálio, diz estar esquecendo a própria fisionomia de sua amada Matilde, ou seja, é como se ela sumisse de novo, e para que isso não ocorra ele “puxava pela memória”, e esse puxar, buscar, é denominada por Bergson de memória que dependente de nossa vontade, na qual temos o poder de invocá-la: “memória Hábito”. Ainda segundo o filósofo citado por Bosi (1994) a memória é uma força espiritual, opondo-se à materialidade, impondo-lhe limites e obstáculos. Para o teórico a memória pura é aquela subjetiva (espírito), enquanto aquela que lhe é exterior (matéria) é tida como “genérica”, sem transparência.

Nessa linha de raciocínio, fica evidente que a narrativa de Eulálio é cheia de suspeitas quanto a sua veracidade, pois, sua narrativa quase que por completo, está centrada sob o que Proust denomina de “memória voluntária, e que Ecléa Bosi chama de “memória Hábito”. Assim sendo, ao resgatar suas memórias, o velho Eulálio, com certo grau de senilidade da nova significância, vai moldando-as de acordo com seus interesses, muitas vezes decorrentes de lapsos de uma frágil memória de um ancião. “Na velhice a gente dá para repetir casos antigos, porém jamais com a mesma precisão, por que cada lembrança já é arremedo de lembrança anterior”. (BUARQUE, 2009, p. 136). A narrativa gasta e repetitiva é apresentada por Ligia Leite (2004).

Ao afogamento das vozes das personagens na voz perdida e circular do narrador em busca de mesmo e dos outros, escolhendo palavras num repertório de palavras igualmente gastas pela repetição e pela

alienação do sujeito na língua da “tribo” que deixou de ser tribo de tanto e, por isso mesmo, emudeceu de tanto tagarelar (LEITE, 2004, p. 75-76)

Nessa perspectiva, segundo Elaine Silva (2013), o autor em seu texto narrado em primeira pessoa, conta e reconta suas memórias, não tendo compromisso com a realidade, estando preocupado apenas em contar suas reminiscências, aquilo que lhe convém. O fato de estarmos falando em um romance em que predomina a memória voluntária, a qual pode ser atizada, buscada, e possivelmente remoldada, nessa autobiografia que é o romance *Leite derramado*. Nesse sentido, Elaine Silva cita Leyla Perrone-Moisés, nos informa que “Via de regra, as autobiografias não inspiram a confiança desejada, uma vez que o escritor acaba distorcendo a imagem do seu passado, seja por esquecimento, involuntário ou deliberado” (PERRONE-MOISÉS, 2004 *apud* silva, 2013, p.73).

3 – A PERCEPÇÃO DE EULÁLIO: RECAPITULANDO “AS ORIGENS MAIS LONGINQUAS”

Uma pessoa é sempre muito bem retratada quando se retrata a si própria, ainda que o retrato em nada a ela se assemelhe.

Jean-Jacques Rousseau

Este capítulo tratará sobre percepção - que segundo o dicionário Aurélio, significa “ato, efeito ou faculdade de perceber” (FERREIRA, 2010) -, de um ancião, frente às modificações sociais que regem o mundo moderno. Como estamos trabalhando com uma narrativa sob o olhar obtuso de um centenário, preso a um leito de hospital no qual todo o romance é construído, veremos qual a percepção que ele tem dos fatos que o antecederam, passando pela sua infância, juventude e por fim, o momento presente em que se encontra.

Ao tentarmos compreender as ações que mutualmente acontecem ao nosso redor, independente das circunstâncias, fazemos usos do termo percepção, que é o esforço de se perceber ou compreender o mundo a nossa volta. Agora se esse ato de perceber se faz por ancião centenário, fica clara a dificuldade que o mesmo terá, visto que os estímulos lhes são mais lentos, demorando a cair na realidade e até mesmo inventando situações.

Assim sendo, percepção subentende-se segundo o pensamento de Henri Bergson, um esforço de prolongamento, que é lançado nas regiões mais distantes de nossa memória, com o intuito de fortalecer e atrair um número cada vez maior de lembranças. Assim de acordo com o teórico (1965, p. 111):

Se a imagem retida ou rememorada não chega a cobrir todos os detalhes da imagem percebida, um apelo é lançado as regiões mais profundas e mais afastadas da memória, até que outros detalhes conhecidos venham se projetar sobre aqueles que não se aproveitam ou ignoram. E esta operação pode prosseguir indefinidamente, a memória fortalecendo e enriquecendo a percepção, a qual, por sua vez, atrai para si um número cada vez maior de lembranças complementares.

Nesse trecho, Henri Bergson enfatiza a importância dos estímulos, para se atrair um número cada vez maior de lembranças, funciona como uma espécie de convite as memórias, um esforço do ser em perceber o mundo a sua volta. Desse modo, a percepção irá reproduzir a imagem que mais lhe for privilegiada.

Segundo o professor de psicologia Danilo Augusto Santos Melo em seu artigo “*A memória entre o caos e a reconhecimento: considerações sobre a arte e criação na filosofia de Gilles Deleuze*”, afirma ser o reconhecimento automático, ou o atizado, um esforço conjunto de percepção e memória, cujo intuito é a adaptação do passado às necessidades do presente. Danilo Melo faz a seguinte síntese: “com as nossas lembranças ganham consistências as nossas percepções, os nossos sentimentos e as nossas opiniões, e assim se forma o conjunto dos esquemas fundamentais de nossa vida interesseira e adaptativa” (MELO, 2015, p. 77)

Indo na mesma direção de Danilo Augusto Santos Melo, Carla Magatti (s.d, p. 4) em seu artigo “Uma leitura entre mito e memórias em *Leite derramado*, de Chico Buarque”, afirma que: “Para que haja percepção, a memória deve trazer de volta as principais figuras que fizeram parte de nossas vidas”. Tomando por base essa citação, podemos afirmar que em *Leite derramado*, Eulálio transita entre os diferentes planos temporais, em busca de sentido, prestígio social, ou até mesmo uma desculpa para o presente caótico que se encontra. Para isso escolhe minuciosamente suas palavras, mesmo que por vezes se confunda nas suas lembranças. Eulálio narrava somente o que o interessava, nesse sentido Bergson (1965, p. 199) vem dizer que “o papel do corpo não é armazenar as lembranças, mas simplesmente escolher, para trazê-las à consciência distinta graças à eficácia real que lhe confere, a lembrança útil, aquela que completará e esclarecerá a situação presente em vista da ação final”. Ainda na visão de Carla Magatti, Eulálio reconstrói um discurso tendo como pano de fundo personagens que estiveram guardados há décadas, e os traz à tona para dar importância maior a sua existência.

Ainda na visão do filósofo e diplomata Francês Henri Bergson, ao fazer uma analogia entre memória e percepção, enfatiza:

A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração, e assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela (BERGSON, 1999, p. 77).

Deste modo, subentende-se que a percepção é como o mundo exterior, é representada no interior do cérebro. Para Henri Bergson (1999, p.26) “o cérebro não deve portanto ser outra coisa, [...], que não uma espécie de central telefônica: seu papel é ‘efetuar a comunicação’, ou faz-la esperar”. Para dar maior entendimento usarei as palavras de Rafael Pellegrino em sua dissertação *percepção e memória na filosofia de Henri Bergson*, que defende que “percepção aparece como função da ação do corpo sobre o movimento das outras imagens no mundo material” (2015, p. 38). Rafael Pellegrino defende ainda que as mudanças do meio acarretarão uma modificação quanto a percepção, de modo que ela reage ao meio de acordo com essas modificações. Em síntese, o ato da percepção deve-se, portanto, à íntima relação entre o meio e o tempo, seja ele projetado para o passado, presente ou futuro.

Em síntese, as imagens da memória passada está sempre se misturando ao presente, e por vezes, modificando e substituindo as imagens da percepção presente.

A verdade é que a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas, pelo contrário, num progresso do passado ao presente. É no passado que nos colocamos de saída. Partimos de um “estado virtual”, que conduzimos pouco a pouco, através de uma série de planos de consciência diferentes, até o termo que se materializa numa percepção atual, isto é, até o ponto que ele se torna um estado presente e atuante. (BERGSON, 2010, p. 280-281)

O fragmento acima expressa a progressão do passado, como sendo o ponto de saída que se prolonga, chegando ao presente forte e atuante. A necessidade de sempre estar regressando ao passado, faz do personagem narrador do romance *leite derramado*, um ser que não se adapta e não se enquadra na modernidade do mundo, restando o prazer de contar e recontar suas reminiscências. Para isso, rememora fatos longínquos de sua existência, como veremos adiante, nos fragmentos que falam da ascensão de sua família e posteriormente o declínio.

A saga familiar do romance *Leite derramado*, tem os Assumpção, como sobrenome forte e influente que é passado de pai para filho e assim, por conseguinte, podendo ser confirmado no fragmento seguinte do livro: “o Eulálio do meu tetravô Português, passando por trisavô, bisavô, avô e pai, para mim era menos um nome do que um eco”(BUARQUE, 2009, p.31), dada a passagem fica claro a tradição de décadas, assim como o reconhecimento que se conservava, definindo em Eulálio, e que nas gerações seguintes será de desprestígio e apagamento. Há uma passagem em que o próprio Eulálio cita um dizer popular, relacionado o futuro de sua geração: “É como se dizia antigamente, pai rico, filho nobre, neto pobre” (BUARQUE, 2009, p. 38)

Eulálio Montenegro de Assumpção conheceu através de relatos, o início da ascensão de sua família, o quão importante foi o passado dos Assumpção, e o quanto ele se orgulhava em falar: “Então começo a recapitular as origens mais longínquas da minha família, e em mil quatrocentos e lá vai fumaça” (BUARQUE, 2009, p.184). O percurso glorioso começa com seu trisavô, que fora responsável pelo enriquecimento da família, trazendo prestígio ao sobrenome, evidenciado pela passagem “ninguém vai querer saber se porventura meu trisavô desembarcou no Brasil com a corte Portuguesa. De nada adianta me gabar de ele ter sido confidente de dona Maria Louca, se aqui ninguém faz ideia de quem foi essa rainha” (BUARQUE, 2009, p.50).

O interessante é notar o quanto Eulálio sente-se superior aos demais a sua volta, subestimando-os quanto a suas inteligências. Usa por muitas vezes de sarcasmos, mostrando-se como único detentor de conhecimento. O personagem utiliza-se de suas memórias pretéritas, quando mostra a ascensão de sua família, como forma de que o reconheçam como pessoa influente, e digno de tratamento diferenciado.

Após a descrição minuciosa do trisavô, e da importância que o mesmo teve perante os nobres Eulálio volta-se para descrever seu bisavô, feito barão por dom Pedro I, e negreiro: “não sei se alguma vez lhe contei que meu bisavô foi feito barão por dom Pedro I, pagava altos tributos à coroa pelo comércio de mão-de-obra de Moçambique” (BUARQUE, 2009, p.78).

Já sobre seu avô Eulálio diz: “Meu avô foi um figurão do império, grão-maçom e abolicionista radical[...]. Possuía cacauais na Bahia, cafezais em São Paulo, fez

fortuna” (BUARQUE, 2009, p.15). Os Assumpção ruralistas são precedidos então pelo pai do narrador Eulálio Ribas Assumpção, que elege-se senador e amplia ainda mais o prestígio social e a riqueza da família, por ter negócios lucrativos com o exterior: “meu pai, político importante, além de homem culto e bem-apessoado[...]Tinha negócio com armeiro da França, amigos graúdos em Paris, e na virada do século,[..]fez sociedade com empresários ingleses”(BUARQUE, 2009, p.52) .

Após décadas em processo crescente de riquezas, aquisição de prestígio e reconhecimento social, os anos seguintes seriam de decadência e vergonha para os Assumpção, pois o pai de Eulálio fora brutalmente assassinado. Para o filho o pai fora vítima de um crime passional, motivado por meter-se com mulher casada, como mostra o fragmento abaixo.

Vi meu pai beijar a mão da mulher e apertar a do marido, que em seguida se virou para o garçom. E não entendi por que a mulher, naquele instante, passou as mãos no próprio corpo e sorriu para o meu pai, que muito sério a fitou e logo desviou os olhos. Somente hoje, oitenta anos passados, como um alarme na memória, como se fosse azul-celeste a cor de uma tragédia, reconheço na mulher o vestido rodado que meu pai comprou na véspera (BUARQUE, 2009, p.87-88)

Já para a mãe de Eulálio, tratava-se de uma morte encomendada por adversários políticos, como se pode ver no fragmento: “Isso porque foi metralhado ao entrar na sua garçonnière, mas mamãe só lia O Paiz, cujas reportagens atribuíam o crime à oposição” (BUARQUE,2009, p.36). A partir do momento que o pai de Eulálio é assassinado, cujo motivo não é explicitado, dá-se início ao fracasso econômico e social dos Assumpção, sentido na pele pelo nosso narrador, como mostra o fragmento “E pelos cochichos compreendi que o nome de meu pai, notável da república, caíra de um jeito grosseiro na boca do povo, Assunção, o assassino? Assunção, o corno?” (BUARQUE, 2009, p.57). Eulálio não perdera só o pai, mas também todo um prestígio social, agora terá que tomar o lugar de seu pai, responsabilidade imposta por ser filho único.

A situação da família fica pior quando a bolsa de Nova York quebra em 1929.

Em Londres, me falaram de calamidades financeiras, milhões de libras esterlinas fulminadas da noite para o dia, devido ao Crack da bolsa de Nova York. Era o caso do Espólio da família Assumpção,

desafortunadamente aplicado nas ações norte-americanas (BUARQUE, 2009, p.59)

Um dos motivos que mais influenciaram para a decadência dos Assumpção, fora o desprestígio social, demonstrado pela falta de credibilidade quanto ao sobrenome. No entanto, Eulálio mantém-se cego frente ao novo cenário que lhe cai, mantendo-se positivo, certo de que tudo logo passaria.

já eu sabia que as portas estavam apenas encostadas, meu pai passara por elas outras vezes. Por ser um jovem inexperiente, como o francês pela aparência me julgava, talvez amanhã eu me visse eventualmente perdido num labirinto com centenas de portas abertas. Mas eu não tinha dúvida de que, para mim, a porta certa se abriria sozinha (BUARQUE, 2009, p.43)

Eulálio não possui capacidade suficiente, para tentar achar uma solução para os problemas financeiros da família, pois fora sempre regado a mordomia, e poucas vezes estava na presença do pai em viagens a negócios, deixando-o inexperiente na área. Eulálio quebra totalmente a tradição que fora passada de pai para filho há décadas, a começar pela falta de aptidão e temor em fazer parte da esfera pública, e também por não possuir uma trajetória ligada ao comércio ou ao campo ruralista.

As marcas da nobreza, os ambientes mais sofisticados e requintados, resididos ou frequentados pela família são descritos por Eulálio, não no seu esplendor dos tempos passados, mas com o advento da modernidade. O que era antigo fora substituído pelo novo, como se pode comprovar nos fragmentos a seguir:

Poderíamos morar em Botafogo, no casarão construído por meu pai. Ali há quartos enormes, banheiros de mármore com bidês, vários salões com espelhos venezianos, estátuas, pé-direito monumental e telhas de ardósia importadas da França. Há palmeiras, abacateiros e amendoeiras no jardim, que virou estacionamento depois que a embaixada da Dinamarca mudou para Brasília. Os Dinamarqueses me compraram o casarão a preço de banana, por causa das trapalhadas do meu genro. Mas se amanhã eu vender a fazenda, que tem duzentos alqueires de lavoura e pastos, cortados por um ribeirão de água potável [...]. Aliás bem em cima de nosso próprio terreno levantaram um centro médico de dezoito andares, e com isso acabo de me lembrar que o

casarão não existe mais. E mesmo a fazenda na raiz da serra, acho que desapropriaram em 1947 para passar a rodovia (BUARQUE, 2009, p. 6-7)

Também passeava na Quinta da Boa Vista, só me dava dó a decadência do antigo Palácio Imperial, que meu avô cansou de frequentar nos tempos de D. Pedro II (BUARQUE, 2009, p. 143)

O progresso não só representa a ruína para os Assumpção, como também símbolos tradicionais tiveram que ceder espaço à modernidade. É interessante notar o que Eulálio tem por percepção frente a esse caos que o cerca, chega a idealizar momentos futuros em determinado espaço que já não existe mais, e por lampejos de realidade acaba por lembrar-se que esses ambientes já foram substituídos por outras construções como mostra o primeiro fragmento a cima.

Eulálio pode ser visto como um típico herói trágico, modificado pelo tempo, corroendo-se em lamúrias e arrependimento pela não aceitabilidade de seu destino, vivendo preso ao passado de mordomias, subvertendo o presente de pobreza e solidão. Dadas as características, fica notável a diferença daquele herói clássico quase divino, bonito, forte, pertencente à nobreza, verdadeiro homem de bravura e coragem. Nesse sentido, Flávio Kothe (1987, p. 15) vem denominar os diferentes tipos de heróis que foram se modificando no decorrer do tempo. Ele afirma: “o herói épico é o sonho de o homem fazer a sua própria história; o herói trágico é a verdade do destino humano; o herói trivial é a legitimação do poder vigente; o pícaro é a filosofia da sobrevivência feita gente”.

Demilson Moreira Rodrigues (2016) em sua dissertação “*chorando o leite derramado: um estudo da problemática do herói*” afirma: “o herói romanesco é um ser problemático em construção, em processo de amadurecimento e lidando conflituosamente com a realidade que o cerca”. Para dar maior entendimento cita Georg Lukács em seu livro *A teoria do romance*:

O herói da tragédia sucede ao homem vivo de Homero, e o explica e o transfigura justamente pelo fato de tomar-lhe a tocha bruxuleante e inflamá-la com brilho renovado. É o novo homem de Platão, o sábio, com seu conhecimento ativo e sua visão criadora de essências, não só desmascara o herói, mas ilumina o perigo sombrio por ele vencido

e o transfigura na medida em que o suplanta. (LUKÁCS, *apud* RODRIGUES, 2016, p. 20)

A medida que o tempo vai passando, o herói deixa de ser aquele ser endeusado: “O herói é concebido genuinamente humano e destituído de qualquer divindade. Liberto da proteção de Deus ou dos deuses, ele torna-se questionador e conhecedor do mundo por meio de sua própria experiência” (RODRIGUES, 2016, p. 23). “É o novo homem”, como afirma a citação de Demilson Rodrigues acima, que vem para desmascarar e dar novo sentido ao ser herói agora muito mais humanizado. Flávio Kothe (1987, p. 14), afirma que, “à medida que o herói épico decai em sua “epicidade”, ele tende a crescer em sua “humanidade” e nas simpatias do leitor/expectador”. Desse modo, ao lermos um romance, cujo herói aparenta características muito próximas as praticadas pelos seres comuns, sentimos uma ligação e por consequência uma simpatia por tal figura.

O herói problemático do romance é um ser que não se encaixa no mundo moderno em que se encontra, perdendo a essência da totalidade do mundo que o cerca, não sendo reconhecido e respeitado como ser importante que um dia fora, usa de artimanhas e estratégias, para ser aceito e ter privilégios. A exemplo temos o momento em que promete toda uma vida regada a luxo à enfermeira :“ Quando eu sair daqui, vamos começar vida nova numa cidade antiga,[...] Vou lhe ensinar a falar direito, a usar talheres e copos de vinho, escolherei a dedo seu guarda roupa e livros sérios para você lêr” (BUARQUE, 2009, p.29).

Marc Augé (*apud* RODRIGUES, 2016, p. 31), citado por Demilson Rodrigues em sua dissertação, nos mostrar através do fragmento, os monstros que os heróis romanescos vêm enfrentar, sendo diariamente bombardeados pelos problemas sociais, interferindo na identidade tanto individual, quanto coletiva.

O herói romanesco [...] não pode pretender dominar o mundo ou a história; [...] as violências da história e o peso da sociedade são tais que a pessoa do herói pode aparecer como sua pura transparência, como se não tivesse outra identidade que não fosse a dos acontecimentos quotidianos, regulares ou aleatórios, que a sua subjetividade simplesmente registra mais do que com eles se confunde.

Desse modo, Eulálio é um digno herói trágico: surge da classe social alta, extremamente individualista, preconceituoso, ciumento ao extremo, desleixado quanto a administração da família, conseqüentemente os levando à falência, entre outros adjetivos. O velho ancião vive em constante luta contra o seu destino, pois provará de toda uma vida de luxo, promovido pela camada superior da sociedade. Agora tem que conviver com os problemas e precariedades das camadas populares da sociedade, restando-lhes apenas as recordações que sente prazer em falar, outra característica do herói trágico defendido por Flávio Kothe (1987, p. 13) “ O herói trágico, pelo contrário, é um bode que berra ao ser sacrificado, expõe publicamente o que lhe acontece, enquanto o destino, com mãos de ferro, pendura-o de cabeça para baixo e se prepara para cortar-lhe o pescoço”.

E como todo herói precisa ter sua amada, Eulálio conhece a sua na missa de sétimo dia de morte de seu pai, Matilde (a personagem mais marcante em sua vida), cujo nome de origem Germânica, significa “força na batalha”. “guerreira forte”, e sua personalidade não poderia ser diferente. Matilde era mulher forte, de alma leve, marcada pela vitalidade e espontaneidade, como ele mesmo a descreve. Posteriormente casa-se com ela, tendo uma filha tempos depois. Os dois vivem um casamento conturbado, marcado por um ciúme exacerbado de Eulálio, como se observa na passagem. Nesse romance, o que veremos são situações vividas por muitos casais envoltos por desconfiança, o que traz a obra o mais perto possível da realidade de muitos leitores, se vendo inclusive em algumas situações.

O casal se entendia à perfeição, mas logo distingui o que nele foi ensinado do que era nela natural. O francês, muito alto, era um boneco de varas, jogando com uma boneca de pano. Talvez pelo contraste, ela brilhava entre dezenas de dançarinos, e notei que todo o cabaré se extasiava com a sua exibição. Todavia, olhando bem, eram pessoas vestidas, ornadas, pintadas com deselegância, e foi me parecendo que também em Matilde, em seus movimentos de ombros e quadris, havia excesso. A orquestra não dava pausa, a música era repetitiva, a dança se revelou vulgar, pela primeira vez julguei meio vulgar a mulher com quem eu tinha me casado. (BUARQUE, 2009, p. 65-66)

Nota-se o ciúme que Eulálio tinha de Matilde, criticando e inferiorizando sua forma de dançar, agir e vestir-se. O narrador procura ao máximo apagar o brilho

natural de Matilde, para isso propõe-lhe até o uso de roupas de tons mais neutros e fechados, “cinzento de gola alta”(BUARQUE, 2009, p. 64), não compartilhado por Matilde, que teimando foi com “o vestido de alças, cor de laranja”(BUARQUE, 2009, p.64). Esses são apenas alguns dos muitos trechos que remetem ao ciúme e ao sentimento de posse que Eulálio tinha por Matilde.

Por fim, Matilde some misteriosamente no decorrer da Narrativa, deixando Eulálio ainda mais desequilibrado. O trauma de sua ausência ressoa em suas lembranças: “sem Matilde, eu andava por ai chorando alto, talvez como aqueles escravos libertos de que se fala, era como se a cada passo eu me rasgasse um pouco, porque minha pele tinha ficado presa naquela mulher” (BUARQUE, 2009, p. 56). Consequentemente, o empobrecimento não demora a chegar, e anos após anos, os patrimônios de família são engolidos pela má administração de Eulálio, que depois de ser enganado pelo seu bisneto ao o ceder “como caução por um empréstimo não quitado” (BUARQUE, 2009, p. 176), perdeu o apartamento em que vivia, levando-o inclusive a morar de favor, como se vê no fragmento a seguir: “nos ofereceu um teto provisório. Tratava-se de uma casa de um só cômodo pegada à sua igreja nos arredores da cidade, uma hospedagem sem dúvida modesta, porém decente” (BUARQUE, 2009, p.176).

Eulálio, após perder tudo que considerava de mais precioso como: o prestígio social, riqueza e principalmente sua amada esposa Matilde, não restando nem um teto para morar, viu-se tendo alucinações. Certo dia, sob uma percepção de ter ouvido a voz de Matilde enquanto tomava banho, corre ao encontro da voz: “eu vou Eulálio! Então patinei no cimento, e antes de descambar ouvi um estalo, senti a dor de um osso a se partir com sua medula, estendido no chão vi minha perna direita retorcida” (BUARQUE, 2009, p.181). A partir do fragmento, nota-se que Matilde representa a vida, por dar prazer ao narrador. Já na reta final representa seu fim, visto que, a partir do momento que Eulálio sofre a fratura mediante a sua procura (momento de alucinação), Ele perde o pouco de liberdade que tinha, com a qual ainda podia andar com suas próprias pernas. A partir da fratura, sua vida é de dor, sofrimento, dependência e solidão. Restando apenas um leito de hospital, suas memórias e as dores que o acompanham.

Eulálio, em seu discernimento, pensa estar internado em um hospital particular, mas ao nos debruçarmos sobre a narrativa, o que se nota são características de um

hospital público. Digo isso mediante as características apresentadas no fragmento a seguir:

No início me revoltei contra os maqueiros por me largarem assim no corredor, na certa estava em greve outra vez. Mas com os dias me convenci de que no meio deste trânsito não fico pior que na enfermaria, [...]. O ambiente ainda se degradava à medida que recebíamos os excedentes do pronto-socorro, pacientes com o rosto desfeito, queimaduras, perna amputada, bala na cabeça. (BUARQUE, 2009, p. 183-184)

Eulálio, mesmo arruinado e velho não perde a pose, com um discurso sempre carregado de preconceito e superioridade, como se vê no fragmento:

Não vai aí a intenção de ofender os mais humildes, sei que muitos de vocês são crentes, e nada tenho contra sua religião. Talvez até seja um avanço para os negros, que ainda ontem sacrificavam animais no candomblé, andarem agora arrumadinhos com a bíblia de baixo do braço. Tampouco contra a raça negra nada tenho, saibam vocês que meu avô era prócer abolicionista, não fosse ele e talvez todos aí estivessem tomando bordoadas no quengo (BUARQUE, 2009, p.193)

O momento de prosperidade é descrito por Eulálio com muito orgulho, sua descendência de pessoas importantes e influentes o estufam o peito. Já do momento de ruína e desprestígio é pouco citado, chega até mesmo a encobrir fatos, inventando circunstâncias, e prometendo coisas impossíveis de se cumprir, a exemplo tem as promessas incabíveis que faz a enfermeira: “Quando eu sair daqui, vamos nos casar na fazenda da minha feliz infância, lá na raiz da serra. Você vai usar o vestido e o véu da minha mãe[...]. Você vai dispor dos rendados, dos cristais, da baixela e das joias e do nome da minha família” (BUARQUE, 2009, p.5). Eulálio insistia em falar dos bens que um dia possuiu, como se eles ainda estivessem dispostos, promete a enfermeira bens tão caros, isso em busca de reconhecimento e prestígio social.

Há uma passagem no romance que descreverei a seguir, que mostra a prepotência de Eulálio que, mesmo na pior, vivendo em uma casa de favor, discrimina as pessoas e o espaço em que reside. Outro fator interessante é o sentimento de superioridade que o ancião nutre em si, já que está sempre de cabeça erguida, não entregando-se à realidade que o cerca.

Mesmo vivendo em habitação de um só compartimento, num endereço de gente desqualificada, na rua mais barulhenta de uma cidade-dormitório, mesmo vivendo nas condições de um hindu sem casta, em momento algum perdi a linha. Usava pijama sedosos com o monograma do meu pai, e não dispensava um roupão de veludo para caminhar até o alpendre no quintal, onde fazia minha higiene num banheiro com paredes chapiscadas e chão de cimento (BUARQUE, 2009, p.137).

Em suma a saga familiar de Eulálio vai desde nobres influentes, passando por fazendeiros, senador, pessoas influentes e a posteriormente nas gerações que o sucedem, o círculo fecha-se ao ter um Assumpção traficante de droga: “porque meu tataraneto, você sabe, faz comércio de entorpecentes, acho que outro dia o vi com a namoradinha nessa televisão, os dois algemados num aeroporto, escondendo a cara” (BUARQUE, 2009, p.120). Por isso, na percepção de Eulálio, é o último a se importar com a perpetuação de seu sobrenome, e da história de sua família.

CONCLUSÃO

Ao longo do trabalho apresentamos uma obra moldada por lapsos de memórias. É notável a espontaneidade da oralidade, muito bem representada por Eulálio, que se apega à língua com o intuito de contar e recontar seu passado e de seus antepassados, visto que, se trata de memórias de um ancião com idade já bastante avançada, que voltando-se ao passado de glória e prestígio social, ignora e menospreza o presente em que se encontra.

Sendo assim, o narrador buarquiano vê-se confuso diante dos lapsos de memória que o acometem, chega até mesmo a admitir que se perde em suas lembranças, que sua memória não é confiável. Em outros momentos afirma lembrar-se de todo o seu passado, e para o pretérito tem um salão cada vez maior, não restando muito espaço para o presente. Com isso, nosso narrador mostra não ter interesse pelo tempo presente, confirmado em várias passagens do romance, mostrando um narrador amargurado ao se ver desprovido de toda regalia que o acompanhou durante sua vida no passado. E hoje o presente só lhe reserva tristeza, sofrimento, solidão e descaso. Eulálio desce os degraus da vida não só no quesito financeiro, mas também com o alto avanço da idade, sente-se fraco, frágil, impossibilitado até mesmo de virar-se para olhar aqueles que o rodeiam. Apenas ouve os gemidos daqueles que, como ele, encontram-se hospitalizados.

No romance *Leite derramado*, percebemos a constante busca ao passado, como forma de propagá-lo e também de revivê-lo. Notamos que Eulálio não narra simplesmente por narrar, mais utiliza deste artifício como forma de manter-se vivo, pois para ele, a vida é a representação de suas memórias, sejam elas vividas ou sonhadas. Pudemos notar também que Eulálio utiliza a arte de narrar como forma de proteger o seu passado. Os tempos passado e presente se funde através da fala do personagem Eulálio, que faz um movimento da passagem da lembrança, que como aponta Walter Benjamin, é algo individual para a memória que se torna coletiva.

Percebemos que o passado para o narrador é tão importante que para ele tem um salão cada vez maior, onde cabe com folga todas as pessoas. Já para o presente, as pessoas parecem não ter espaço, tanto que: “Veja só, neste momento olho para você, que toda noite está comigo tão amorosa, e fico até sem graça de perguntar seu nome

de novo. Em compensação, recordo cada fio de barba do meu avô, que só conheci de um retrato a óleo” (BUARQUE, 2009, p.14 -15). Através do fragmento, Eulálio parece não dar importância nem para as pessoas, nem para o acontecido, voltando-se sempre a rememoração de suas reminiscências.

O romance *Leite derramado* foi construído segundo *Flashbacks* de um ancião, cuja narrativa é de caráter circular e fragmentado, exigindo atenção redobrada do público leitor, principalmente quando as histórias são contadas e, mais a frente, recontadas com outros fatores e versões. Nessa perspectiva, temos uma obra cheia de divergências, com elementos que a caracterizam ora ficcional, ora como não – ficcional. segundo Silva (2013), no romance, o esquecimento e a memória são carregadas de sentimentalismo e desejo que o narrador almeja. Segue dizendo do esforço que o personagem narrador enfrenta, cujo intuito é promover a legitimação do legado de sua família. Nessa perspectiva, temos um personagem narrador extremamente egoísta, cujo maior intuito é o reconhecimento social, com um possível tratamento diferenciado dos demais. Para isso, derrama suas memórias, vangloriando-se e contando os feitos de seus antepassados.

A busca pela concretude e perpetuação faz com que Eulálio narre suas memórias para quem as quiser ouvir, e mesmo quando não possui um ouvinte, continua falando. Em alguns momentos na narrativa, ele apresenta o desejo de passar para o papel suas reminiscências, pois, acredita que somente assim, elas não correram o risco de serem enterradas pelo esquecimento. Eulálio tinha essa preocupação em não deixar morrer a saga da família Assumpção. E visto como único que se preocupa e ainda guarda valores e memórias advindas do passado, e se levado em consideração, sua idade já avançada, internado, não lhes resta outra opção que não seja contar e torcer para que alguém as ouça, as guarde e de preferência as passe para o papel. Sob esse viés, Le Goff (2003) enfatiza dizendo que a escrita é a forma fundamental de armazenamento de nossa memória, saindo dos limites físicos de nosso interior, para exteriorizar-se, podendo até estar expostas em bibliotecas.

A narrativa é moldada segundo os interesses de Eulálio, encobrando fatos que não o beneficiam, e em outras partes as reinventando. Ou seja, a memória para Eulálio nada mais é que uma ferramenta que ele usa a seu favor. Baseada nessa afirmação Silva (2013, p. 129) afirma que Eulálio “esquece o que não lhe convém e promove uma nova ordenação que não é rígida e pode receber outras configurações, quando

assim for conveniente”. Mesmo condenado a dura realidade que o envolve, Eulálio não deixa seu lado egocêntrico e seu ar de superioridade, já que faz questão de sempre repetir os costumes de família, seu sobrenome, sua linhagem, usa desse artifício para sobressair-se aos demais.

O romance tem na memória, nas lembranças das experiências do narrador-personagem Eulálio, o “pano de fundo” para a movimentação do percurso narrativo. As lembranças são tantas que Eulálio se perde nas suas memórias: “São tantas minhas lembranças, e lembranças de lembranças de lembranças, que já não sei em qual camada da memória eu estava agora.” A consciência do narrador quanto ao aspecto fragmentário e subjetivo de suas próprias memórias chama a atenção. De acordo com Santos (2003, p. 25-26), “A memória não é só pensamento, imaginação e construção social; ela é também uma determinada experiência capaz de transformar outras experiências, a partir de resíduos deixados anteriormente”.

Como visto, através desta narrativa de memórias é possível se percorrer toda uma vida, da infância, adolescência, fase adulta, e por fim, o tempo presente que é de extrema dificuldade, na qual o narrador encontra-se idoso, doente e pobre, apegando-se à oralidade da língua e a utilizando como escudo, enfatizando sempre que vem de uma linhagem de nobres, cujo intuito é um tratamento diferenciado dos demais, objetivo não alcançado durante a narrativa, visto que é tratado com descaso.

Comprovou-se, portanto, que Eulálio com um discurso abarrotado de preconceito, está longe de ser um sábio ancião contador de história, muito pelo contrário, preocupa-se somente consigo mesmo, julgando todos a sua volta como seres inferiores, destrutando-os na maioria das vezes. Seu maior objetivo é a perpetuação de sua história e reconhecimento social, assim como obtenção de regalias e prestígio.

A função social que cabe ao idoso no mundo “moderno” de acordo Ecléa Bosi é simplesmente “lembrar e aconselhar”. Segue dizendo que a sociedade capitalista reprime o idoso, seja nos atos burocráticos para se aposentar, abandona-os em casas de apoio, não lhes dando ouvidos, ou seja, a partir do momento que o indivíduo deixa de ser um provedor, e gerador de lucro, depois de anos de serventia a essa sociedade tão injusta sofrendo todas as adversidades que a vida lhe impuseram, na velhice é que é para ser um momento de descanso, para muitos é apenas o início das dores.

Seja ela de solidão, abandono, maus tratos, dentre outros. Grandes são as adversidades que esses guerreiros enfrentam.

Por fim, observamos durante todo o trabalho que Eulálio mantém-se preso ao seu passado, seja pelas lembranças, seja pelos costumes e linguagem, dentre outras características enraizadas e pulsantes em seu ser, o que nos leva a concluir a insatisfação que frequentemente o acompanha diante de sua vida desde a perda de sua esposa em diante, que só cresceu com a ruína que não demorou a chegar após o sumiço de Matilde.

Pela voz do emudecido narrador, pudemos conhecer a joia mais preciosa na vida de nosso personagem, Matilde, sua obsessão, peça fundamental para entendermos a personalidade forte e instigante que tem Eulálio. O sumiço de Matilde, além de ser um mistério nunca desvendado, representa a passagem de um homem promissor para um pobre sobrevivente em busca de resposta para o sumiço de sua amada, dando várias versões.

Ao fim desta dissertação, pudemos conhecer o herói trágico, representado pela figura de Eulálio. Partimos desta constatação, pois, temos um indivíduo desnortado e infeliz, bombardeado por sucessivas desgraças, características bem distantes dos heróis que conhecemos. Assim sendo, Eulálio com toda sua tragicidade, possui um discurso melancólico e cheio de arrependimentos, afirmando até que se pudesse voltar ao passado faria tudo diferente.

O narrador benjaminiano, como já dissemos anteriormente, é um herói acovardado, tomado pelo ciúme, carente, agonizando e suplicando pelos remédios que lhe tiram a dor de seu corpo, já cansado e doente. Porém, os remédios nada podem contra a dor da alma que o acompanha desde o sumiço de Matilde, a amada esposa, refúgio de sua alma. Nosso narrador luta dia e noite para não esquecer-se das características físicas de sua amada, para isso de seu leito, derrama suas memórias em forma de recordações.

REFERÊNCIAS:

- ALVES, Sérgio Afonso Gonçalves. *Fios da Memória, jogo textual e ficcional de Haroldo Maranhão*. Faculdade de letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006 (Tese de Doutorado em estudos literários).
- AMADO, Janaína. *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral*. *História*. São Paulo, n. 14, 1995.
- BENJAMIM, Walter. *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: - *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BECKETT, Samuel. *Proust*. Trad. Arthur Nestrovski. São Paulo: Cosac e Naity, 2003.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- . *Matière et Mémoire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1965.
- . *Introdução à metafísica*. In: *Os pensadores*. Trad. Franklin Leopoldo e. São Paulo: Nova Cultural, 1989, p. 114.
- . *Matéria e memória – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade*. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 12ª ed– São Paulo: Companhia das Letras, 2004. BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 12ª ed– São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CASTELLO, José. *Vazio que define o mundo*. http://www.chicobuarque.com.br/critica/mestre.asp?pg=crit_leite_globo_cast.htm. O Globo. 28/03/2009.
- CANDAU, Joel. *memória e identidade: Tradução Maria Leticia Ferreira*. 1ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2012.

- FARIA, Alexandre. *“Leite Derramado, antípoda da literatura marginal”*. In: CHIARELLI, Stefania; DEALTRY, Giovanna; VIDAL, Paloma. *O futuro pelo retrovisor: inquietudes da literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa; coordenação de edição Marina Bairde Ferreira*. – 8. Ed. – Curitiba: Positivo, 2010.
- FONSECA, Ciro Leandro Costa da. *Et all. Os penitentes de São Bernardo: uma face de religiosidade popular na voz-memória de Dona Antonia Jorge*. In: SILVA, Antonia Marly Moura da. *Et all. De memória é de identidade: estudos interdisciplinares*. Campina Grande: Eduepb, 2010.
- HALL, Stuart. *A identidade cultura na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. SCHAFFTER, Laurent Leon. 2.ed. São Paulo: Revista dos Tribunais LTDA, 1990.
- LE GOFF, Jaques, *História e memória*. tradução Bernardo Leitão... [et. al.]. - - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- KOTHE, Flávio R. *O herói*. 2º ed. Editora Ática. 1987.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco Narrativo*. São Paulo: Ed. Ática, 2004.
- MELO, Danilo Augusto Santos. *A memória entre o caos e a reconição: considerações sobre a arte e criação na filosofia de Gilles Deleuze*. *Revista trágica: estudo de filosofia da eminência* – 2º quadrimestre de 2015- vol. 8- nº 2- pp 73-85.
- PELLEGRINO, Rafael. *Memória e percepção na filosofia de Henri Bergson/ Rafael Pellegrino*. São Carlos: UFSCar, 2005.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Considerações no prefácio do livro*. In: BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- POLLAK, Michael; *Memória e identidade social*. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro. Vol. 5, n. 10, 1992.
- PROUST, M. *No caminho de swamm*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento* – tradução: Alain François [et al]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RIOS, FÁBIO; *memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo*. In: Revista Intratextos, 2013, vol. 5, no. 1. DOI:HTTP://dx.doi.org/10.1295/intratextos.2013.

SANTOS, Myrian Sepúveda dos. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003.

SEIXAS, Jacy Alves de. *percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais*. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs). *Memória e (re)Sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. 2. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp: 2004.

SILVA, Elaine Cristina Guedes da. *Lembrar para esquecer; esquecer para lembrar* [manuscrito]: a instituição de uma nova mnemotécnica no romance Leite Derramado, de Chico Buarque / Elaine Cristina Guedes da Silva – 2013.

YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. *Memória literária e modernidade: o caso Proust*. In: Revista *TEMPORIS(AÇÃO)*. Cidade de Goiás: Goiás, 2002. V. 1, n. 5/6. p. 63 - 64.

WEINHAERDT, Marilene. *A memória ficcionalizada em heranças e leite derramado: rastro, apagamentos e negociações*. Matraca, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, jul/dez. 2012.